

MARIA ISABEL SILVEIRA CHRISTINO

DISCIPLINA E SUBJETIVIDADE NA ESCOLA: A FORMAÇÃO DA
VIRTUDE DA OBEDIÊNCIA

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre.

Curso de Mestrado em Educação, Faculdade de
Educação, Programa de Pós-Graduação,
Universidade Federal de Pelotas.

Linha de Pesquisa: Subjetividade, Psicologia e
Educação

Orientadora: Dra. Cármen Anselmi Duarte da
Silva
Universidade Federal de
Pelotas

PELOTAS
Faculdade de Educação da UFPel
1999

CAPA:

Desenho original: Auto-retrato de Cícero Silveira Christino

Arte Final: Carolina Silveira Christino

C555D Christino, Maria Isabel Silveira
Disciplina e subjetividade na escola: a formação da
virtude da obediência
- Pelotas: FaE/UFPel, 1999.
103 f.

Dissertação/Mestrado em Educação

1.Disciplin (Educação).2.Subjetividade.3. Psicologia da
Educação.l.t

CDD 370.158

Dissertação defendida e aprovada, em 22 de setembro de 1999,
pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a. Dr.^a. Cármen Anselmi Duarte da Silva - Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Marisa Faermann Eizirik

Prof. Dr. Marcos Villela Pereira

Às pessoas que resistem e não deixam morrer seus desejos, mesmo após todos os processos de normalização.

Talvez necessitasse usar muitas páginas para agradecer a todas as pessoas que colaboraram de alguma maneira para a confecção deste trabalho. Por receio de confiar na memória e acabar deixando alguém de fora, faço um reconhecimento geral aos teseus e minotauros.

...Sem dela precisar de desentreter-se, amparava o cavalo com firmeza de rédea, nas descidas, governando-o nos trechos de fofo chão arenoso, e bambeando para ceder à vontade do animal, ladeira acima, ou nos embrejados e estivados, e naquelas passagens sobre clara pedra escorregosa, que as ferraduras gastam em mil anos. Sua alma, sua calma, Soropita fluía rígido num devaneio, uniforme.

J. Guimarães Rosa

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| RESUMO..... | viii |
| ABSTRACT..... | ix |
| 1 PORTAL DO LABIRINTO | 01 |
| 1.1 Gênese..... | 01 |
| 1.2 No labirinto do Minotauro..... | 07 |
| 1.3 Ladainha da disciplina..... | 16 |
| 1.4 Ferramentas utilizadas..... | 22 |
| 2 DISPOSITIVOS..... | 27 |
| 2.1 Enunciado | 27 |
| 2.1.1 Regimento da "Década de 60" | 30 |
| 2.1.2 "Regimento de 1969" | 32 |
| 2.1.3 "Regimento de 1981" | 34 |
| 2.1.4 "Regimento de 1985" | 37 |
| 2.1.5 "Regimento Atual" | 38 |
| 2.1.6 Plano Integrado..... | 40 |
| 2.2 As normas, as regras | 42 |
| 2.3 Setor de disciplina ou tribunal escolar | 45 |
| 2.3.1 Livro de advertência..... | 46 |
| 2.3.2 Livro de ocorrência | 47 |
| 3 TESSITURA DA REDE..... | 52 |
| 3.1 Os corredores do castelo do Minotauro | 62 |
| 3.2 O arquivo | 66 |
| 3.3 As penas..... | 71 |
| 3.4 Ética ou obediência vigiada | 78 |
| 3.5 Possibilidades | 83 |
| 4 PROVÁVEL SAÍDA DO LABIRINTO..... | 86 |
| 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 92 |
| ANEXOS | 95 |

RESUMO

Pesquisei a disciplina, enquanto uma estratégia de transformação dos alunos em sujeitos dóceis e úteis, adequados à sociedade atual, numa instituição escolar de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Esta escola situa-se na zona central da cidade, é pública e atende desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. A pesquisa de campo foi baseada em estudos foucaultianos, com análise de documentos, entrevista e observação diária. O controle dos alunos é feito através das normas e da ameaça de punição. Encontrei um setor específico para o controle disciplinar e muitos profissionais envolvidos com este fim. O número de ocorrências disciplinares é grande. Dentre estas, existem pequenos problemas de relacionamento entre professor e aluno, riso na hora do estudo e outros similares, lado a lado com casos de agressão física e porte de arma de fogo. As punições usadas pelo colégio, na sua maioria são excludentes; ou seja, as penas prevêm a retirada do infrator do meio educacional, do ambiente da sala de aula ou mesmo da própria escola - no caso das suspensões das atividades discentes. Ainda, observei que alguns alunos passam por este processo e continuam indisciplinados, mesmo após todo o trabalho formador. Aponto como possível solução um trabalho baseado na formação ética das pessoas.

ABSTRACT

I have researched the discipline, as a strategy to turn the student into teachable and useful people, suitable to the real society, in a scholar establishment of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil. This school is placed in the central zone of the town, is public and attends from the pre school to the high school. The field research was based on Michel Foucault's theoretical approach, within analysis of documents, interview and daily observation. The students' control is made by rules and punishment menace. I found a specific sector for the disciplinary control and many professional working for it. The register of disciplinary occurrence is large. Among these registers, there are little problems of relationship between teacher and student, laugh at study time and other alike, side by side with physical aggression cases and fire gun charge. The punishments used by the school, in it's greater part are made by exclusion, it means, the punishments foresee the evacuation of the infractor of the educational environment. I've still observed that some students pass through this process and keep undisciplined, even after all the education effort. I mention, as possible solution a work based in ethical formation of people.

1 PORTAL DO LABIRINTO

1.1. Gênese

E aprendi, meus senhores. Ah, sim, quando é preciso aprender, aprende-se; aprende-se quando se trata de encontrar uma saída! Aprende-se sem piedade! Vigia-se a gente a si mesma com o látego, lacerando-se à menor resistência. A índole simiesca saiu com fúria para fora de mim, afastou-se de mim dando cambalhotas, e por isso meu primeiro mestre, mesmo, quase se tornou macaco e precisou abandonar logo as lições para ser internado em um sanatório. Felizmente logo saiu dali.

Kafka

Naquele dia de 1968, ao ver o portão da escola aberto e um cavalo encilhado e solto, não pensei duas vezes: dei rápida cavalgada ao redor da praça da pequena cidade onde estudava. Porém os momentos de alegria duraram pouco. Ao retornar à escola, soube que não tinha agido como devia... Fiquei momentos incontáveis numa peça escurecida - talvez a sala do piano, fazendo um exame de consciência; no meu entendimento, era muito tempo para uma simples voltinha a cavalo, pois sempre que estava em casa de meus pais, na zona rural, andava a cavalo até ficar com as pernas bambas, era minha rotina. Entretanto, cheia de conflitos (não conseguia entender porque podia ser mau aquele ato) imaginava, pelas fisionomias, que Deus estava entristecido comigo.

Nasci no meio rural e ali vivi até a idade de seis anos. Andar a cavalo e ouvir histórias próximo ao fogão à lenha integrava nosso cotidiano camponês. Este modo campesino de viver foi instaurador de minha subjetividade, esta é uma marca muito forte em mim. Além do que, minha família também era muito religiosa. Percebo que dois conteúdos significativos de minha formação foram a religiosidade e as coisas do campo.

Por outro lado, a indisciplina é minha parceira desde a época de aluna. Conforme já aludi, foi a cavalo que aportei no labirinto da indisciplina¹. Quando cursava o quinto ano do Primário, no internato de um colégio de freiras, senti, perplexa, que eu havia cometido um ato de indisciplina. Essa infração constara daquela volta a cavalo que já mencionei. Por que seria indisciplina aquele ato tão prazeroso e inocente (na minha avaliação infantil e apaixonada por equitação)? Reminiscências daquele episódio me acompanham desde então; suscitando-me incontáveis questionamentos.

A chave para compreender o desejo de cometer aquela infração está ligada a minha história, a minha subjetividade e ao modelo de escola interna para meninas², de então. O regime disciplinar deste colégio não se diferenciava muito dos demais, desta tipologia. As alunas só poderiam sair a passear acompanhadas pelas freiras e normalmente para assistir à missa ou a outro evento religioso. Havia horários rígidos para todas as atividades. Na exigência do silêncio também havia muita rigidez. Muitas filas. A rotina era soberana. Além da vigilância constante das freiras sobre nossa corporeidade, nosso íntimo também tornava-se público, pois "Deus tudo vê", até mesmo a imaginação, os desejos, os sentimentos, os sonhos, os pensamentos, tudo; nada escapava à percepção onipresente "Dele". Outrossim, Deus contava com uma estratégia simples para examinar nossas almas: a confissão.

¹ Farei referência ao universo disciplinarizado da instituição escola como Labirinto do Minotauro (Palácio de complicados corredores, construído para encerrar o Minotauro - monstro que tinha corpo de homem e cabeça de boi. Mitologia Grega) (Guimarães, s.d., p. 120, 224) Tomo esta liberdade porque me sentia perdida naquele mundo, sem saber bem qual era a melhor saída.

² Embora o internato fosse feminino, havia também meninos assistindo as aulas.

Dentre as rotinas do internato pode-se contar: às seis horas e trinta minutos, Irmã Maria³, a freira responsável pelas internas, entrava no dormitório exclamando: - "Deus seja louvado!". A o que nós devíamos responder: - "Para sempre seja louvado!". Continuávamos rezando alto e nos vestindo, fazendo a higiene matutina, sem perda de tempo, sempre acompanhadas e vigiadas pela Irmã. Após, íamos para a Igreja, assistir à missa ou a alguma outra reza (caso o padre estivesse envolvido em seus afazeres de empresário agro-pecuarista). Quando retornávamos da Igreja, tomávamos café. Lavávamos os dentes e íamos para a fila de nossa turma da sala de aula. Antes de começar a aula, rezávamos. Às dez horas havia o recreio, rezávamos antes de sair para merendar e brincar, sempre vigiados pelos olhos atentos de alguma das freiras. Ao retornarmos para a sala de aula, fazíamos uma rápida oração para que Deus abençoasse nosso final de trabalho. Orávamos antes de terminar a aula. Ao meio-dia (enquanto os alunos externos iam para suas casas), as alunas internas iam para o refeitório - para o almoço, então rezávamos para que Deus abençoasse nosso alimento. Mesmo que este fosse uma detestável (para meu gosto de criança) verdura com molho branco, devíamos comer tudo e não deixar sobras no prato. Em seguida, tínhamos um horário livre - sob o bondoso olhar da irmã Maria!! Posteriormente, havia o horário do silêncio - onde deveria ser possível escutar "o zumbido de uma mosca", quando líamos romances da vida dos santos ou fazíamos trabalhos manuais. A próxima sessão era para o tema. Logo em seguida, tomávamos café da tarde e brincávamos no pátio. Às dezoito horas íamos para a capela da escola, para a *Hora do Ângelus*⁴.

³ Este nome é fictício, resolvi adotá-lo porque todas as freiras desta congregação usavam Maria antes de seu nome. São fictícios, também, todos os demais nomes que citarei, com o intuito de preservar a identidade das pessoas.

⁴ Hora do Ângelus: As ave-marias, oração em louvor da Virgem Maria, ao entardecer. (Ferreira, s.d)

Jantávamos. Depois do jantar, com rezas de agradecimento pelo que havíamos comido, íamos para outra sessão de estudo, histórias ou trabalhos manuais.

Aos domingos, após a missa, pela manhã, assistíamos filmes sobre a vida de algum dos mártires da Igreja Católica Apostólica Romana. Lembro que ficava assustada e pungida com os sacrifícios a que alguns deles (São Pancrácio⁵ e outros) eram submetidos por anunciar o cristianismo e professar sua fé. Também caminhávamos até algum dos cemitérios para visitar os túmulos e rezar pelas almas das pessoas que ali haviam sido sepultadas.

Se alguém houvesse desobedecido, ou não soubesse a tabuada, por exemplo, ficaria de castigo, de pé numa encruzada do escuro corredor, abaixo do relógio de parede, com seu tic-tac horripilante e terrivelmente alto, contrastando com o silêncio do vazio. Outra penalidade a que estávamos sujeitas era a de sentar na cozinha sobre sacos de cereais, enquanto as demais colegas iam deitar-se, estudando a tabuada, por exemplo. Mas tudo isto era justificado e tolerado pela certeza da presença de Deus e do Juízo Final. Ao término da sessão de silêncio da noite, lá pelas nove e meia, subíamos para o dormitório novamente, e cumpríamos o ritual de higiene acompanhado de rezas conjuntas, coordenadas pela Irmã Maria.

Entretanto, havia um ritual que, acidentalmente, incidia sobre a rotina cotidiana, e que, sempre que fosse necessário Irmã Maria fazia uso dele: as

⁵ Do qual, hoje, não localizo nenhuma informação. Seria um personagem fictício?

alunas eram dispostas do pé ao topo da escada, de maneira a que todas pudessem ser vistas ao mesmo tempo, e ela ficava observando-nos, até descobrir - pelos nossos olhos (conforme dizia) - quem seria culpada deste ou daquele fato; como, por exemplo, comer balas sem permissão. Uma vez, alguém havia comido todas as balas de uma colega, fomos para a escada; minha irmã, provavelmente com sete anos à época, havia recebido autorização da proprietária das balas para comê-las. Com esta licença, ela achou-se no direito de comer todas; não tinha a noção de haver infringido um código, ficou docemente tranqüila. Quando estávamos naquela espécie de tribunal de inquisição, a freira pediu que a pessoa responsável pelo delito se acusasse. Minha irmã, ainda surpresa, contou sua versão da história. Na sua inocência, ela parecia não perceber nenhum problema em sua atitude.

Outra lembrança forte desta época é a visão de um diabo, todo vermelho, com chifres, tridente e correntes que eram arrastadas com um barulho assustador. O Satanás era representado por uma das colegas mais velhas. Mas na confusão que reinava em nossas cabeças infantis, onde a imaginação tem força de realidade, **aquele era o verdadeiro Diabo**. Desta forma, usando um artifício teatral, as freiras nos colocavam um dilema: ou Deus, ou o Diabo. À última alternativa, aditavam seus dizeres proféticos: *Sempre! - Nunca!*. O *sempre* significava que uma vez no *Inferno*, lá permaneceríamos queimando até a eternidade; o *nunca* significava que jamais poderíamos rever nossos familiares e amigos.

No quinto ano primário, nós já conseguíamos sair do refeitório, após o almoço, com uma colher de sopa escondida sob a manga da roupa, subir furtivamente até o dormitório e comer colheradas de doce de leite feito em casa e trazido escondido entre as roupas, por uma colega, - eu não seria honesta se não

confessasse isto. A mesma colher também era utilizada para comer leite em pó, de vez em quando (daquele que vinha dos Estados Unidos, da "Aliança para o Progresso" - ironicamente contribuindo para o "progresso" da nossa indisciplina). Portanto, já havíamos construído uma estratégia de comportamento mais ou menos eficaz para enfrentar o aparato de controle disciplinar exercido pelo colégio. Havia aprendido na escola a ser indisciplinada, mas em casa eu era muito tranqüila.

Assim, a cada regra criada pela escola, descobríamos um meio de burlá-la. Bastava que sentíssemos um certo relaxamento da vigilância para que fizéssemos coisas que eram proibidas. Nem a consciência religiosa era inibidora, a ponto de controlar nossos comportamentos. Assim, fui descobrindo a possibilidade de abrir brechas.

1.2 No labirinto do Minotauro

Claro que não me faltam distrações. Como o carneiro que vai investir, corro pelas galerias de pedra até cair no chão, estonteado. Oculto-me à sombra duma cisterna ou à volta dum corredor e divirto-me com que me busquem. Há terraços donde me deixo cair, até ensangüentar-me.

Borges

Ao ler em Foucault (1996 a), que na segunda metade do século XVIII, os camponeses eram transformados em soldados, com postura uniforme, que "o corpo era objeto e alvo de poder" (p. 125); minha memória me transporta para esta primeira escola que frequentei - o internato de freiras - onde também nossos corpos e nossas subjetividades eram "objeto e alvo de poder". Quando sentávamos, nas cadeiras de madeira, já arquiteturalmente desconfortáveis, precisávamos ficar com as costas eretas e desencostadas do espaldar; pois que, deveria sobrar um espaço entre nossa corporeidade infantil e o encosto da cadeira, lugar onde ficaria o *anjinho* para nos proteger. Custava caro esta proteção angelical; ficávamos bem doloridas a princípio! Porém, com o passar dos tempos, íamos nos acostumando, tal como alguns vegetais que seguem a forma que lhes é imposta.

Posteriormente, numa outra escola, pública, cursando o Ginásial, também passei por diversas rotinas disciplinares, até mesmo pela "suspensão". Hoje, percebo que as condutas que motivavam minhas sanções disciplinares eram banais: conversa na hora do silêncio, brincadeira na hora de trabalhar, etc. Só que aqui, nesta escola pública, "Deus" devia estar descansando, pois não era mais sua onipresença que justificava o disciplinamento. Uma vez que eu, até então, estivera acostumada a uma ordem baseada em princípios religiosos, a um olhar constante sobre nossos atos, pensamentos, omissões, não conseguia entender

como se sustentava esta outra disciplina; não mais havia apelo à consciência religiosa, como na escola anterior. Além do que, neste colégio havia somente um Inspetor de Disciplina para cuidar todas as salas; ele usava um sapato que não fazia barulho quando caminhava, para que não percebêssemos quando se aproximava (eu tinha a ilusão de não estar sendo observada e ria, conversava...). Na primeira escola a vigilância era explícita e constante.

Hoje, em meu cotidiano de professora, chamam-me atenção alguns exercícios escolares. Há um que, em especial me intriga - é o que denomino "segue o modelo", e muitas vezes deixa os alunos atônitos, sem entenderem bem o que deve ser "seguido". Este tipo de tarefa, parece-me uma simples, mas poderosa, tecnologia pedagógica, que ensina os alunos a copiarem, a serem sujeitos uniformes, serializados, previsíveis. Entendo que mais do que um conteúdo determinado, o que este tipo de trabalho realmente estimula é a habilidade para identificar modelos e copiá-los.

Parece-me que muito mais que ensinar conteúdos, que trabalhar o intelecto dos indivíduos, a escola trabalha o desenvolvimento de comportamentos e habilidades; forma os sujeitos (no sentido de colocá-los em molde prévio). Numa postura técnica, esta instituição tenta moldar os indivíduos desde a mais tenra idade, colocando-os num molde pré definido. O desenvolvimento das potencialidades pessoais aparece no discurso pedagógico como um objetivo a ser alcançado, mas na prática diária o que se pode notar é o sufocamento de tudo quanto é característica pessoal, que fuja à normalidade. No cotidiano escolar, os sujeitos são assepticamente tratados, não têm carências humanas, nem desejos, como se não fosse próprio desta espécie desejar, ter necessidades...

A escola, usando as "tecnologias de poder"⁶, submete os indivíduos com o objetivo de alcançar determinados fins. Estas tecnologias pedagógicas vão moldando os indivíduos para que estes ajam de acordo com o que está previsto, para que tenham os mesmos tipos de comportamento, uniformes. Através da norma, a escola vai normalizando as pessoas, produzindo um determinado tipo de sujeito:

Compreende-se que o poder da norma funcione facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois dentro de uma homogeneidade que é a regra, ele introduz, como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda uma gradação das diferenças individuais. (Foucault, 1996 a, p. 164)

Posso dizer que os atores pedagógicos parecem não ter consciência de que na escola as pessoas são formadas, sujeitadas, normalizadas:

... a ocultação da própria pedagogia como uma operação constitutiva, isto é, como produtora de pessoas, e a crença arraigada de que as práticas educativas são meras 'mediadoras', onde se dispõem os 'recursos' para o 'desenvolvimento' dos indivíduos. (Larrosa, 1995, p. 37)

Percebo que os adultos, os professores e demais profissionais do ensino, também seguem modelos, copiam comportamentos já instituídos dentro da escola e considerados como normais, como aceitáveis e, até, esperados:

... é como se a educação, além de construir e transmitir uma experiência 'objetiva' do mundo exterior, construísse e transmitisse também a experiência que as pessoas têm de si mesmas e dos outros como 'sujeitos'. Ou, em outras palavras, tanto o que é ser pessoa em geral como o que para cada uma é ser ela mesma em particular. (Op. cit., p. 45.)

⁶ "Tecnologias de poder": "... que determinam a conduta dos indivíduos, os submetem a certo tipo de fins ou de dominação, e consistem numa objetivação do sujeito". (Foucault, 1991, p 48)

Na escola, os indivíduos são pedagogicamente produzidos, através de procedimentos panópticos⁷ e de classificação (por séries, por turmas, por filas, por notas, etc.), dentre os quais o "exame"⁸ é um dos privilegiados. Através da obediência e submissão, a escola vai formando os sujeitos. A instituição escolar usa a técnica pedagógica para tornar eficaz o seu ato; incluindo nesta eficácia a produção de sujeitos: "... pedagogia como uma operação constitutiva, isto é, como produtora de pessoas..." (Op. cit., p. 37).

A disciplina é um dos instrumentos usados pela escola para formar os sujeitos: *"O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação 'ideológica' da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a 'disciplina'."* (Foucault, 1996 a, p. 172)

A escola produz sujeitos em massa, com subjetividade *"essencialmente fabricada, modelada no registro do social"* (Guattari, 1986, p. 31), ou seja, a escola fabrica sujeitos de forma massificada, serializados, tal qual "soldadinhos de chumbo". O aluno está constantemente sendo trabalhado para

⁷ Panóptico: Relativo ao Panóptico de Bentham. Figura arquitetural, que permite um agenciamento visual, no qual o vigia pode ver tudo. Foi arquitetado por Bentham, inicialmente com uma torre central, rodeada de celas iluminadas, onde tudo podia ser visto da torre. (Foucault, 1996 a, p 177)

⁸ *"O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir."* (Foucault, 1996 a, p. 164)

formação de sua subjetividade. O professor também vai sendo produzido diariamente.

Por outro lado, o profissional do ensino, dentro da escola exerce um duplo papel: ao mesmo tempo que, representando a instituição escolar, assujeita os alunos, ele sofre assujeitamentos, também vai sendo moldado conforme o prescrito.

... são máquinas óticas que produzem, ao mesmo tempo, o sujeito que vê e as 'coisas' visíveis. [...] O discurso da pedagogia tal como é tratado em Vigiar e Punir, sobretudo em relação a esse aparato ao mesmo tempo ótico e enunciativo que é o exame, constitui simultaneamente a subjetividade do professor e a do aluno. (Larrosa, 1995, p. 67)

É ilustrativo da dubiedade do desempenho do profissional da educação este trecho foucaultiano:

En cuanto a los 'criados', - a aquellos que por oposición a los 'pensionistas' son 'de la casa' y que, guardianes y sirvientes deben representar la ley tanto para aplicarla como para someterse silenciosamente a ella - nadie sabe, ni siquiera ellos, a qué sirven (la ley de la casa o la voluntad de los huéspedes); se ignora incluso si no serán pensionistas convertidos en sirvientes; son a la vez el celo y el descuido, la embriaguez y la educación, el sueño y la incansables actividad, el rostro gemelo de la maldad y de la solicitud: aquella en lo que se disimula el disimulo y aquello que lo manifiesta. (Foucault, 1993, p. 48)

Desta forma, o professor é um refém da norma e concomitantemente seu representante.

Parece que os clones⁹, hoje em discussão, já vêm sendo perseguidos pela educação desde há muito tempo. Nesta ótica, o "indisciplinado" é o diferente, é o indesejado, o que deve ser excluído. O ideal parece ser que todos sejam idênticos, ou pelo menos, previsíveis, normais.

⁹ "Conjunto de indivíduos descendentes de um indivíduo único, por reprodução vegetativa". (Ferreira, s.d)

Pergunto-me que papel tenho eu, que atuo com o ensino, nesse processo de normalização e controle social de crianças e jovens? Certamente, enquanto profissional, continuo sendo assujeitada, por essa máquina controladora. Assim, nesta lógica das nossas instituições, parece óbvio que a escola controle também o profissional, dentro do seu ambiente de trabalho; tal qual os alunos, os professores são constantemente vigiados, têm os horários rígidos, têm localização certa no tempo e no espaço. Da mesma forma que os alunos, os professores, durante o período que estão na escola, não dispõem da própria vontade para determinar o que querem ou não fazer - embora em relação a seus alunos tenham certa liberdade e autodeterminação. Nosso tempo de profissionais da educação é vendido, juntamente com nossa disposição para controlar os educandos (ou nossa tarefa será apenas ensinar conteúdos?), para afetar alunos e sermos afetados por eles. Estas indagações me desconcertam...

Comecei minha vida profissional na mesma escola onde havia cumprido todo o rito disciplinar¹⁰ (um ritual de passagem?) - da advertência até a suspensão. Em minhas reflexões preliminares de professora, eu tinha uma certeza, como princípio: não queria ser para meus alunos aquilo que não gostara em meus professores; não queria fazer parte da **mesma** instituição sobre a qual eu tinha tantos questionamentos. Muitos conflitos...

¹⁰ Rito disciplinar: a cada ato de indisciplina (que podia constar de conversa, sorriso, ar de deboche, etc.), os alunos eram encaminhados para a "Secretaria", onde recebiam uma advertência oral, seguida de um aviso por escrito - que entregue pela escola para os pais, estes deviam assiná-lo, como cientes. A cada três encaminhamentos para a "Secretaria", o aluno era submetido a uma suspensão das atividades discentes por três dias. Com relação ao aviso entregue aos responsáveis, muitas vezes acertei com a inesquecível Dona Eva, encarregada de entregá-lo, e a convenci (sob promessa de que não mais seria encaminhada para a Secretaria) a deixar o aviso com minha avó, e não com meus pais.

O intervalo de tempo, que separava meus atos de aluna indisciplinada do começo de minha carreira como professora, não devia ser superior a uma década. Era grande a confusão de sentimentos em relação ao papel que devia ocupar, de autoridade, neste começo de desempenho profissional. Estes sentimentos tiveram o mérito de fazer com que eu questionasse o modo de desempenhar a profissão pedagógica.

Lembrava de um professor de Francês e Desenho Geométrico - o meu dentista, com quem eu mantinha um bom relacionamento, mas não conseguia permanecer quieta em suas aulas. Estas eram muito enfadonhas. Tinha-se a impressão de que o professor não gostava de trabalhar com tais matérias, aliás, ele demonstrava não gostar (inclusive dava a entender que queria lecionar Ciências, disciplina que o outro dentista da cidade ministrava). O desconforto dele era visível. Eu brincava nessas aulas, até dançávamos tango no fundo da sala! O professor, meu amigo, dizia-me: "Figurinha, Figurinha, vou ter que te mandar para a Secretaria ..."

Esta lembrança também foi muito definidora do meu modo de relacionamento com os alunos e com os conteúdos. Entendi que se eu não gostasse de determinado assunto, não conseguiria trabalhá-lo de um modo que trouxesse prazer para mim e para o alunos.

Entretanto, mesmo tomando as velhas lições dos mestres como exemplos a seguir ou a evitar, permanecia a inquietação de estar inserida num meio onde a

interação de subjetividades é constante, onde o *agonismo*¹¹ se faz presente na relação. No dizer de Foucault,

Mais do que um 'antagonismo' essencial, seria melhor falar de um 'agonismo' - de uma relação que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta; trata-se, portanto menos de uma oposição de termos que se bloqueiam mutuamente do que de uma provocação permanente. (Foucault, 1995, p. 244 - 245)

Levando em conta o somatório de minha vida escolar e os questionamentos que me inquietam, procuro **analisar neste trabalho a produção dos sujeitos (a normalização), no conjunto de práticas do cotidiano da escola, nas relações de poder, no embate pedagógico do dia-a-dia, com especial atenção para a questão disciplinar.**

[SBC1] Comentário: Definir melhor formação do sujeito

É necessário esclarecer que sujeito aqui têm dois sentidos: "*sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento*". Os dois sentidos pertencem a um tipo de poder que subjuga. (Op. cit., p. 235)

A escola atua no sentido de manter os indivíduos sujeitos às normas, à observação panóptica e ao controle externo. Outrossim, procura fixar a identidade individual: "*A tendência, dentro do quadro da atual sociedade, é trabalhar pela preservação da identidade corrente, engessando-se a figura atual e esquivando-se ou neutralizando-se as diferenças causadoras de problemas.*" (Pereira, 1996, p. 21)

Dizendo de outra maneira: tentarei apontar como a escola manipula institucionalmente os indivíduos, sujeitando-os dentro de um molde de sujeito

¹¹ Termo grego que sugere um combate físico, no qual os opositores desenvolvem uma estratégia de reação e de injúrias mútuas, como se estivessem em uma sessão de luta. (Rabinow, Dreyfus, 1995, p. 245)

adequado ao mundo capitalista atual, na perspectiva de consumidor de subjetividade, numa *"produção de subjetividade social, uma produção de subjetividade que se pode encontrar em todos os níveis da produção e do consumo"*. (Guattari, 1986, p. 16)

Analiso a escola como uma instituição normalizadora e de governo¹². Certamente, toda vez que estiver fazendo este tipo de análise, estarei também refletindo sobre minha passagem pela escola enquanto aluna e sobre meu atual desempenho enquanto profissional da educação. *Meu fio de Ariadne*¹³ será a disciplina.

Então, a escola aparece como uma instituição que trabalha subjetividades para a submissão, usando tecnologias de poder.

¹² *"Devemos deixar para este termo a significação bastante ampla que tinha no século XVI. Ele não se referia apenas às estruturas políticas e à gestão dos Estados; mas designava a maneira de dirigir a conduta dos indivíduos ou dos grupos: governo das crianças, das almas, das comunidades, das famílias, dos doentes. Ele não recobria apenas formas instituídas e legítimas de sujeição política ou econômica; mas modos de ação mais ou menos refletidos e calculados, porém todos destinados a agir sobre as possibilidades de ação dos outros indivíduos. Governar, neste sentido, é estruturar o eventual campo de ação dos outros."* (Foucault, 1995, p. 244)

¹³ Ariadne é personagem da Mitologia Grega que enamorou-se por Teseu. Com o intuito de ajudá-lo a encontrar o caminho de volta no Labirinto do Minotauro, deu-lhe um novelo de fio para que ele amarrasse na entrada e fosse desenrolando. (Guimarães, s.d, p. 71)

1.3 Ladainha da disciplina

De noite quase sempre há função e obtenho êxitos já mal superáveis. E se ao sair dos banquetes, das sociedades científicas ou das gratas reuniões entre amigos, chego à casa a horas avançadas da noite, ali me espera uma pequena e semi-amestrada chimpanzé, com quem, à maneira simiesca, passo muito bem. De dia não quero vê-la, pois tem no olhar essa loucura do animal perturbado pelo adestramento...

Kafka

Procurei o curso de Mestrado em Educação preocupada com a realidade da escola onde trabalhava. Há poucos anos havia começado um "Projeto Disciplinar"¹⁴ nessa escola. Faziam-se reuniões entre professores e demais profissionais do ensino para discutir a indisciplina e decidir que medidas deveriam ser tomadas. Neste período eu trabalhava com uma turma de segunda série do Fundamental (crianças) e também com História Geral no primeiro ano do Ensino Médio (adolescentes). As grandes queixas de indisciplina ocorriam a partir da quarta série.

Com o "Projeto Disciplinar", imaginei que seria o momento propício para discutir algumas questões relativas ao tema. Durante as reuniões, tentava conversar com os professores sobre o que seria mesmo um ato de indisciplina, qual seria a linha divisória entre um comportamento disciplinado e um não disciplinado; as pessoas não pareciam escutar o que eu questionava. Dava a impressão de que eu queria discutir pontos inquestionáveis, como, por exemplo, a autoridade do

¹⁴ Projeto disciplinar: iniciativa da direção da escola, numa tentativa de resolver a grande incidência de problemas disciplinares de alunos, que ocorriam na época.

professor.

O resultado do Projeto Disciplinar foi a criação do Setor Disciplinar,¹⁵ que inicia sob a responsabilidade de um funcionário. Fiquei desiludida com o tal projeto e percebi que na verdade esta palavra encobria uma velha prática da vida escolar que reprimia até o riso. Recordei, outra vez, daquela escola pública, onde fiz o Ginásial, em que mais de uma vez o Inspetor de Disciplina flagrou-me rindo de alguma gracinha feita por colegas (que tinham a malícia ou a sorte de ficar quietos na hora que ele chegava), durante a troca de professores; após o que, eu deveria ir me explicar na Secretaria.

Porém, o mais dramático é saber que ainda hoje (1998) alguns alunos são encaminhados para o Setor Disciplinar pelo mesmo motivo que eu era punida naquela época, o riso; penso em "O Nome da Rosa", de Umberto Eco, onde o mote do romance, carregado de tragédias, também é o mesmo.

Da mesma forma que nosso riso é controlado, também outras intimidades nossas o são; Félix Guattari anuncia que, inclusive, nossos sonhos são culturalmente produzidos: *"...essa grande fábrica, essa grande máquina capitalística produz inclusive aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiamos, quando nos apaixonamos e assim por diante"*. (1986, p. 16)

A partir deste desassossego inicial, imbuí-me de literatura especializada, estudei, refleti... Hoje, penso que esta dissertação pode ser a provocação

¹⁵ Hoje, é um setor da escola, que ostenta poder sobre a vida escolar dos alunos, para onde são enviados os que transgridem as normas. É um simulacro de tribunal. Coordenado por alguém da confiança da direção. Reveste-se de grande destaque em períodos como o de campanha eleitoral para a direção da escola (Voltarei a este ponto mais adiante).

inicial, a abertura de uma picada para a troca de idéias com os profissionais do ensino (psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, administradores, professores...) que se dispuserem a refletir sobre o assunto.

A realidade do dia-a-dia da escola é composta de uma série de condutas englobadas na expressão "problema disciplinar". Esta é usada desde a educação infantil até o final do ensino médio. No livro de registros de ocorrências do Setor Disciplinar da escola pública, onde realizei este estudo, encontram-se os seguintes motivos de encaminhamento, dentre outros, (que pela repetição dão o tom de uma ladainha):

- um aluno que não quis levantar para rezar no começo da aula;
- um aluno que rasgou a prova, quando viu que seu aproveitamento foi abaixo da média;
- um aluno que assobiou em aula;
- um aluno que brigou com o colega;
- um aluno que derrubou seu material e pisou em cima;
- um aluno que "explodiu" um "busca-pé" nas dependências da escola;
- um aluno que conversou em momento considerado inadequado;
- um aluno que sentou e colocou os pés em cima da mesa;
- um aluno que "desrespeitou" uma autoridade escolar;
- um aluno que se nega a entrar na sala, quer ficar no pátio;
- um aluno que se nega a trabalhar em aula;
- um aluno que se negou a assinar uma folha em branco;
- um aluno que incendeia um cartaz, um quadro mural, etc.;
- um aluno que agride fisicamente a professora;
- um aluno que tem "atitudes e palavras incompatíveis com a sala de aula";

- um aluno que colocou uma propaganda política nas costas da professora;

- um aluno que anda com tesoura cortando o cabelo dos colegas;

- um aluno, que deveria estar assistindo "aula de técnicas", foi surpreendido jogando giz dentro da sala de aula de outra turma; justificou-se dizendo que não tinha o que fazer naquele momento;

- um aluno que apresenta atitudes de insubordinação, desrespeito e indisciplina;

- um aluno que passou a mão na colega;

- um aluno que não acata determinação;

- um aluno que agrediu a vice-diretora com "palavras de baixo calão";

- um aluno que não obedece;

- um aluno que porta arma de fogo na escola;

- uns alunos que caminham pela sala durante quase todo o tempo;

- uns alunos que, com palavras e jogando papel, desrespeitaram o funcionário que se encontrava trabalhando;

- uma turma que sai da escola antes da hora adequada;

- uma turma que recebe a professora com uma cesta de lixo na parte superior da porta, para que o lixo lhe caia em cima quando ela entrar, etc.

Ao analisar alguns regimentos escolares, percebi que contêm uma parte específica sobre sanções disciplinares. Todos os alunos transgressores devem ser submetidos ao rito previsto nestes documentos. Quando o ritual é seguido passo a passo, como manda o regimento, a instituição pode, como último recurso, "convidar" o aluno a trocar de escola¹⁶.

¹⁶ O artigo 211 do Regimento Escolar (da escola que é meu objeto de estudo) prevê como penalidades a que estão sujeitos os alunos: repreensão por escrito, exclusão da sala de aula, suspensão e cancelamento compulsório da matrícula. (Regimento Escolar)

Algumas escolas¹⁷ já contam com um Setor Disciplinar. Neste, o aluno confessa seu ato transgressor, que é registrado em ficha apropriada. O próximo passo deste ritual é, dependendo do caso, chamar os pais, encaminhar ao SOE (Serviço de Orientação Educacional) ou conversar com o aluno.

Pode-se dizer que o cotidiano de quem trabalha na escola, e especialmente na condição de professor, é continuamente atravessado pela palavra disciplina. Normas internas de funcionamento das escolas trazem sempre como pano de fundo a questão da disciplina. Vista como pressuposto do "domínio de classe", a "disciplina na sala de aula" é sempre considerada uma variável importante na aferição do desempenho profissional do professor.

Embora no "Regimento Atual" (da escola que é meu objeto de estudo) não conste mais, dentre os deveres do professor "*manter a disciplina e a boa ordem na suas aulas*", na prática da instituição escolar isto ainda é requisito para o professor ser considerado um bom profissional.

Dessa maciça referência ao viés disciplinar, era, no mínimo, de se supor que os profissionais em educação, ao desempenharem suas tarefas, apresentassem,

¹⁷ Não são todas as escolas que possuem pessoal suficiente para atender um setor especializado em disciplina; a grande maioria é atendida pela direção, que concentra vários serviços.

uma atualizada reflexão acerca da questão disciplinar. Paradoxalmente, no entanto, ressalvadas as exceções, tal não acontece, e a vida na escola transcorre sem que se reflita muito acerca do que é mesmo disciplina, qual é a disciplina possível, ou até necessária para que ocorra a aprendizagem; ao menos em um sentido mais amplo do que o convencional. Mas a escola continua investindo tempo e pessoal em normatizações e controle disciplinar...

Ao lado de questões sérias (porte de arma, por exemplo) aparecem banais motivos de encaminhamentos para o Setor Disciplinar, considerados atos indisciplináveis e que são tratados praticamente da mesma forma pelo colégio.

1.4 Ferramentas utilizadas

Considerar as questões com cuidado, e refletir com mais afinco sobre aquelas que mais importam. Os tolos se perdem por não pensar. Nunca imaginam nem a metade das coisas, e, por não perceber nem suas vantagens, nem seu mal, não empregam o mínimo zelo. Alguns ponderam às avessas, prestando muita atenção ao que importa pouco, e pouca atenção ao que importa muito. Muita gente nunca perde a cabeça porque não tem cabeça para perder. Há certas coisas que devemos considerar com todo o cuidado e manter bem enraizadas na mente. Os sábios consideram tudo: mergulham nos temas especialmente profundos ou duvidosos, às vezes cogitando que há mais do que lhes ocorre. Fazem com que a reflexão avance além da percepção.

Gracián

Aqui devo confessar de que maneira fiz esta pesquisa. A princípio queria estudar a disciplina na escola. No entretanto, quando fui adentrando o referencial teórico que suporta este trabalho, e entrelaçando-o com os dados da realidade, percebi que o estudo dessas relações de poder só tinham ressonância em mim pelo fato de serem produtoras de subjetividade¹⁸.

A partir desse ponto, o poder disciplinar¹⁹ e a resistência (caracterizada pela

¹⁸ Produtoras de subjetividade: "... os procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si". (Foucault, 1997, p. 109)

¹⁹ Poder disciplinar: "... poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior "adestrar"; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. [...] Adestra as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais - pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios." (Foucault, 1996 a, p. 153)

indisciplina) passam a servir-me de trilha.

O embate pedagógico travado no desenrolar das atividades escolares é estudado como formador de subjetividades, como normalizador. O palco do estudo é uma instituição escolar de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Esta escola situa-se na zona central urbana da cidade, é pública e atende desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Neste entremeio, minha orientadora, com uma postura de mestre da antigüidade greco-romana, fazia com que eu procurasse, em minha história de vida, onde a problemática deste estudo tornara-se visceral, ou quando e como havia se colado à minha pele. A cada encontro de orientação eu voltava mais reflexiva a respeito do assunto... Desta forma, fui buscando... revirando minhas memórias, e os acontecimentos de indisciplina pessoal foram dolorosamente aparecendo, em contraponto ao poder disciplinar. Escrevia e reescrevia. Assim, fui atualizando minhas confissões, meus exames de consciência, minhas reflexões... O binômio disciplina - indisciplina foi um fiel companheiro de minha vida escolar.

Mas não era bastante a reflexão orientada. A esta, aditei algumas técnicas para instrumentalizar o estudo. A observação cotidiana tornou-se uma rica alavanca para a pesquisa, uma vez que pude transitar pelos ambientes e situações em geral sem causar constrangimentos, pois faço parte do corpo docente da escola estudada. Usei entrevista semi estruturada para captar o modo como o responsável pelo setor disciplinar percebia seu trabalho e como o implementava; entendi que esta modalidade da técnica seria mais rica, pois meu entrevistado é uma pessoa de fala fluída. Na análise de documentos referentes à instituição, busquei conhecer as normas escritas, que a regem, bem como a

forma dos registros em relação aos alunos. Todas estas técnicas foram usadas com o intuito de perceber como a escola divide os sujeitos em alunos disciplinados e indisciplinados, como trata os de um grupo e os de outro e de que forma este processo é normalizador e formador de subjetividades. Assim, seguindo a trilha aberta por Foucault, estudo **como os seres humanos tornam-se sujeitos na escola.**

Este autor estudou as várias maneiras pelas quais os seres humanos tornaram-se sujeitos: primeiro, nos modos de investigação, que analisam o sujeito como um dado; na segunda parte de seus trabalhos, a análise centra-se nas práticas divisoras (o louco e o são, o indisciplinado e o disciplinado...); finalmente, o modo como o sujeito se reconhece como tal. Desta forma, ele estudou os modos como os campos de saber são formadores de subjetividades, ao classificar os sujeitos, e como cada um se enquadra na tipologia onde foi categorizado.

Neste trabalho analiso (inclusive nos regimentos) **as malhas do poder no cotidiano da escola**, acompanhando o raciocínio foucaultiano, que procurava fazer sobressair o íntimo da dominação nas relações de poder recíprocas da sociedade:

... fazer sobressair o fato da dominação no seu íntimo e em sua brutalidade e a partir daí mostrar não só como o direito é, de modo geral o instrumento dessa dominação - o que é consenso - mas também como, até que ponto e sob que forma o direito (e quando digo direito não penso simplesmente na lei, mas no conjunto de aparelhos, instituições e regulamentos que aplicam o direito) põe em prática, veicula relações que não são relações de soberania e sim de dominação. (Foucault, 1984, p. 181)

Dominação aqui é entendida não como fenômeno global, mas com a multiplicidade de formas que existem na sociedade, nas relações cotidianas: "Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de um sobre os

outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que podem se exercer na sociedade." (Foucault, 1984, p. 181)

A análise dos dados do Setor Disciplinar e a observação do cotidiano tem o objetivo de estudar a relação de poder na realidade, em sua prática, em sua face externa, como se os dados fossem pistas desta relação. Foucault ensina que não se deve analisar o poder enquanto decisão, ou tentar verificar quem tem o poder e qual o objetivo; deve-se estudá-lo onde ele se implanta e produz efeitos reais. (Foucault, 1984)

Quando falo sobre os professores e seu duplo papel, estou pensando na forma de circulação do poder proposta por Foucault, que de perto, o poder é exercido pelos mesmos indivíduos que também sofrem sua ação, que não se pode dividir a sociedade, colocando de um lado os detentores do poder e de outro os submetidos; não há um grupo ou classe que detêm o poder para usá-lo sobre os outros.

Uma vez que, o presente estudo analisa de perto as relações de poder dentro da escola, o mergulho nos estudos foucaultianos possibilitou entender o poder como uma rede, exercido pelos mesmos indivíduos que sofrem sua ação. Deve ser analisado em sua forma circulante, funcionando em cadeia. Não pode ser apropriado como uma riqueza ou um bem, onde os indivíduos funcionam como seus transmissores.

Com o objetivo de analisar os instrumentos legais que prevêm a aplicação da norma na escola, estudei os seguintes documentos: regimentos (desde a década de 1960 até o atual) e o Plano Integrado da escola (biênio 96/97). O material do Setor Disciplinar, de março de 1995 até outubro de 1997 (fichas de

encaminhamento, livros de ocorrência e de advertência) foi analisado com o intuito de entender as práticas divisoras da escola, tomando como base o disciplinamento (o bom aluno e o mau aluno). A penalidade aplicada a cada caso particular também foi objeto de estudo.

Para entender de que forma são implementadas as normas, como se dá a normalização, entrevistei a pessoa que era coordenador do Setor Disciplinar no ano de 1997. Foi uma conversa onde o entrevistado colaborou, demonstrando boa vontade com o trabalho.

No trivial do dia-a-dia escolar há a possibilidade de se captar o íntimo e a brutalidade do processo de normalização. Penso que a observação que fiz durante o tempo da pesquisa, ficou privilegiada, devido ao fato de minha pertinência à comunidade da escola, como professora de quarta série do Fundamental. Este fato deixou-nos à vontade para observações (eu e os outros sujeitos da pesquisa), sem aquele clima de artificialidade que algumas vezes se cria quando o observador é estranho ao ambiente. Desta forma, o fato de haver continuado trabalhando na escola durante o período da pesquisa ofereceu-me a possibilidade de concretizá-la. Fiz observação em todos os momentos possíveis: em aula, no pátio, no recreio, nas festas, nos corredores.

Então, meu estudo está embasado na real complexidade do colégio, nas relações pedagógicas, na prática reflexiva, nos documentos escolares tendo como referencial teórico principal Michel Foucault.

2 DISPOSITIVOS

Percebo que é necessário estudar a rede que se estabelece na relação pedagógica, com seus discursos, suas normas, sua arquitetura, enfim, o que Foucault chamou de dispositivos. Este autor, ao ser perguntado pelo sentido e função do termo dispositivo, respondeu:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (Foucault, 1984, p. 244)

2.1 ENUNCIADO

Com o intuito de analisar o discurso escrito das normas, da prescrição disciplinar na escola (que é minha guia para estudar a formação do sujeito), busquei no "Passivo"²⁰ cópias de regimentos escolares. Estudo estes regimentos seguindo o raciocínio de Michel Foucault que nos diz que:

... em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos. (Foucault, 1987, p 8)

Parece que a instituição redige um documento, onde consta uma vasta gama de comportamentos e situações numa mágica tentativa de controlar a realidade; assim, observa-se que a escola ora vai aumentando, ora vai diminuindo o número

²⁰ Passivo: Setor da Escola, onde se guardam documentos históricos, dentre eles: livros de chamada, boletins, pastas de alunos, livros oficiais da instituição após terem sido encerrados, regimentos escolares em desuso. (Regimento Escolar)

de restrições e de penalidades, numa clara pretensão de tudo prever e prevenir:

É portanto necessário controlar e codificar todas essas práticas ilícitas. É preciso que as infrações sejam bem definidas e punidas com segurança, que nessa massa de irregularidades toleradas e sancionadas de maneira descontínua com ostentação sem igual seja determinado o que é infração intolerável, e que lhe seja infligido um castigo de que ela não poderá escapar. (Foucault, 1996a, p. 80)

O poder da norma se estabelece como princípio de coerção, como instrumento de normalização:

Tal como a vigilância e junto com ela, a regulamentação é um dos grandes instrumentos de poder no fim da era clássica. As marcas que significavam status, privilégios, filiações, tendem a ser substituídas ou pelo menos acrescidas de um conjunto de graus de normalidade, que são sinais de filiação a um corpo social homogêneo, mas que têm em si mesmos um papel de classificação, de hierarquização e de distribuição de lugares. Em certo sentido, o poder de regulamentação obriga à homogeneidade; mas individualiza, permitindo medir os desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas às outras. (Op. cit., p.164)

Localizei seis regimentos, que estão datados desde a década de 1960 até o atual. Penso em nomeá-los da seguinte maneira: o mais antigo, o do início da década de 60 será o "Regimento da Década de 60"; aquele que está datado em outubro de 1969, será o "Regimento de 1969"; o de 1970 será o "Regimento de 1970", o regimento de 1981, será o "Regimento de 1981"; aquele que data de 1985, será o de "Regimento de 1985" e o que está em vigor, será o "Regimento Atual". Retomando, nosso rol de documentos fica assim denominado, obedecendo a ordem cronológica: "da Década de 60", "de 1969", "de 1970", "de 1981", "de 1985" e "Atual".

Há dois tipos de regimentos para as escolas públicas; aqueles que são do tipo padrão, fornecidos pela Secretaria de Educação, aos quais as escolas têm a

prerrogativa de aderir ou não. O segundo tipo de regimento escolar é aquele que, ao ser elaborado pela escola, deve ser aprovado pelo Conselho Estadual de Educação. Este segundo tipo tem a finalidade de atender especificidades próprias de cada escola, entretanto segue normas de orientação para sua elaboração. Uma vez que os regimentos escolares desta escola pública foram aprovados por um órgão superior, este estudo, embora atenha-se a um estabelecimento, é representativo do pensamento dominante da época.

Foucault nos ensina que o documento

não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos séries, relações. (Foucault, 1987, p. 7)

Desta forma, trato os regimentos, tentando definir em seu interior algumas unidades, trabalhando os conjuntos e estabelecendo relações entre as séries que tratam do assunto que preciso estudar.

A questão da disciplina e da ordem é tratada, nos regimentos examinados, em dois grandes títulos, quais sejam: **Disciplina, Portaria e Vigilância** (com algumas variações) e **Corpo Discente - Direitos, Deveres, Impedimentos e Penalidades**. Sob estes títulos encontro a descrição da forma que a escola entende eficaz para exercer o poder disciplinar, pois como se lê em Foucault: *"O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame."* (Foucault, 1996a, p. 153)

Por fim, entendo que é interessante para este estudo examinar a parte que estabelece normas para as associações de alunos, tais como grêmios

estudantis e Conselho de Alunos, embora não tratando diretamente da questão disciplinar. A maneira como a instituição escolar define e prescreve a organização dos alunos é elucidativa da relação que o corpo docente e administrativo tem com os alunos. No "Regimento da Década de 60", no capítulo II, DO CONSELHO DE ALUNOS, lê-se que: "No momento em que criar clima hostil ao desenvolvimento das atividades do colégio, o Conselho de Alunos terá seus direitos cassados pelo Diretor, ouvido o Conselho Administrativo." Este item nos remete ao jogo de poder que se trava entre os atores pedagógicos. Em 1981, "As chapas que concorrem à eleição devem ser aprovadas pelo Diretor".

2.1.1 Regimento da "Década de 60"

Nesse documento, dentre as atribuições do Serviço de Vigilância, que basicamente são de olhar, vigiar, anotar, controlar e registrar, encontrei as seguintes:

- "acompanhar os alunos à entrada das aulas, e observá-los em suas atividades e nas horas de recreio;"
- "observar o vestuário dos alunos, verificando se sua apresentação está de acordo com as normas estabelecidas neste Regimento;"

Ainda neste conjunto de normas, no CAPÍTULO II - DO CORPO DISCENTE, encontram-se sete itens em relação aos direitos do aluno e treze sobre os deveres dos alunos e mais nove itens sob o título "É vedado ao aluno". Dentre os direitos, um é memorável: "g - recorrer, fundamentando a petição, das decisões dos superiores respeitada a hierarquia funcional". Dentre os deveres destaco alguns:

- "apresentar-se a todas as atividades escolares uniformizado ou quando o estabelecimento não exigir uniforme, decente e discretamente trajado;

- levantar-se, em aula, à entrada do Diretor, professores e visitantes, bem como à saída."

A respeito das penalidades lê-se o seguinte: "Serão passíveis das penas disciplinares de advertência e admoestação, exclusão da sala de aula, suspensão, transferência por incompatibilidade disciplinar e cancelamento da matrícula os alunos que faltarem ao cumprimento dos deveres especificados neste Regimento." Ainda em relação às penas é explícita sua função educativa, conforme o Regimento: "Na aplicação das penas disciplinares, terão em vista as autoridades escolares a sua função educativa e a personalidade do aluno." É, ainda, normatizado que qualquer penalidade que sofrer o aluno deve constar em seus assentamentos escolares. Sendo que este pode recorrer à autoridade imediatamente superior àquela que lhe impôs uma pena: "Das penalidades que lhe forem impostas, cabe ao aluno o direito de recurso à autoridade imediatamente superior a que lhe aplicar."

As faltas graves são regimentadas pelo Artigo 71, composto de quatro itens:

- A - o desrespeito ostensivo à autoridades escolares, professores e membros do corpo administrativo ou às suas expressas determinações e o incitamento a greves e atos de rebeldia;
- B - a produção voluntária de danos ao patrimônio do estabelecimento;
- C - as ofensas à moral e aos bons costumes;
- D - o uso de meios fraudulentos nos trabalhos escolares.

Neste período histórico da instituição escolar há um Conselho de Alunos, que nos demais regimentos não aparece. A finalidade do Conselho de Alunos é incrementar e desenvolver o espírito comunitário estudantil²¹.

²¹ Vide em anexo a parte do Regimento que trata do Conselho de Alunos.

2.1.2 "Regimento de 1969"

Este documento apresenta algumas alterações, se tomarmos como modelo o anterior: as atribuições que eram da Vigilância, neste são específicas dos auxiliares de disciplina. A competência do serviço de Vigilância fica mais restrita à segurança do estabelecimento. Os funcionários que detém o cargo de "auxiliares de disciplina" devem auxiliar na manutenção da disciplina escolar, olhando, vigiando, anotando, controlando e registrando fatos relativos aos alunos. Destaco uma das competências: "velar pela disciplina no estabelecimento e áreas adjacentes". A redação desta competência, referindo-se às áreas adjacentes, consta apenas neste regimento e no 'Regimento de 1970', que difere pouquíssimo deste.

Aqui, os artigos constantes na seção "Direitos" empata em número com os "Deveres", o que difere do regimento anterior, onde os "Direitos" são em número de sete, enquanto os "Deveres" são em número de treze. Alguns "direitos" chamam atenção especialmente: "ser tratado com respeito e consideração pelo Diretor, professores, colegas e funcionários administrativos"; "receber periodicamente comunicação do resultado do seu aproveitamento". Examinando estes "direitos", surgem algumas indagações, tais como: o que levará uma instituição a escrever num documento que os alunos devem ser tratados com respeito e consideração, que os alunos devem receber periodicamente a comunicação do resultado de seu aproveitamento? Pode-se imaginar uma situação diferente num estabelecimento de ensino?

Em relação aos "deveres", dentre estas normas, não mais consta, aquela que obriga o aluno a "levantar-se, em aula, à entrada do Diretor, professores e visitantes, bem como à saída". A redação do "dever" de uso do uniforme está

expressa assim: "apresentar-se corretamente uniformizado às atividades escolares, mantendo o asseio pessoal." O "asseio" aparece novamente em outro "dever": "colaborar para a manutenção da ordem, do asseio e da disciplina escolares...". Há algumas novidades entre os "deveres", um que prescreve o prestígio à autoridade do colega representante de turma, assim: "prestigiar a autoridade dos colegas representantes de turma". Outro novo "dever" é o que obriga os alunos a conhecerem o Regimento: "tomar conhecimento e cumprir o presente Regimento e demais ordens ou avisos que lhes digam respeito".

Neste regimento observa-se uma nova preocupação, que se expressa num cuidado com os arredores da escola. Este zelo traduz-se nas atribuições dos "auxiliares de disciplina" e no capítulo relativo ao Corpo Discente, no artigo das proibições expressas: "fazer algazarra nos corredores, nas classes, ou nas imediações..."; "distribuir folhetos ou impressos, de qualquer natureza, nas imediações ou interior do estabelecimento, sem autorização do Diretor".

Ainda representando um outro momento político da instituição, neste documento vê-se, no artigo que diz "É vedado ao aluno": "...atos de rebeldia", "tecer comentários desairosos sobre professores e funcionários", "atentado contra a moral, por palavras ou atos", "usar meios fraudulentos nos trabalhos escolares", "fumar no recinto do Estabelecimento". O palavreado denota uma realidade diferente daquela do "Regimento da Década de 60", há cuidados diferentes neste período.

Quanto às penalidades, este documento não apresenta quase inovações em relação ao "Regimento da Década de 60". No entanto, há uma sutil modificação que faz a diferença: neste, a imposição das penalidades de suspensão, transferência por incompatibilidade disciplinar e o cancelamento de matrícula

é reservada ao Diretor, ouvido o Conselho de Direção; as demais penalidades são atribuições dos professores e assistentes do Diretor. No "Regimento da Década de 60", eram reservadas exclusivamente ao Diretor a imposição das penalidades de transferência e cancelamento de matrícula, sendo que "para aplicação da penalidade de cancelamento de matrícula deverá ser ouvido o Conselho Administrativo". Ainda cabe ressaltar que no "Regimento de 1969" a pena de suspensão está delimitada em "até 8 (oito) dias". Retomando, então, o "Regimento de 1969" prescreve a audição de um conselho para aplicar algumas penas a mais do que o anteriormente estudado; há também um limite para a pena de "suspensão".

Relativamente às "consideradas faltas graves", não se observa diferença entre o que já foi exposto e este regimento.

A entidade associativa dos alunos passa a chamar-se "Grêmio Estudantil", embora não se observe outras modificações.

O "Regimento de 1970" apenas será citado por sua instigante data - tão próxima do regimento anterior, pois no que diz respeito aos aspectos que estou enfocando não se observa nenhuma alteração.

2.1.3 "Regimento de 1981"

No "Regimento de 1981", o artigo das competências dos Auxiliares de Disciplina contém um número menor de atribuições, se comparado ao mesmo artigo do "Regimento de 1969". Em 1981, está previsto que o auxiliar de disciplina olhe, vigie, controle, encaminhe à autoridade. Neste não consta mais dentre suas atribuições aquela de "velar pela disciplina no estabelecimento e áreas

adjacentes"; agora, o "auxiliar de disciplina" deve "zelar pela disciplina", tão somente. São sutis mudanças no discurso, mas que demonstram uma prática histórica e social diferenciada.

No CAPÍTULO II - DIREITOS E DEVERES DO CORPO DISCENTE, no artigo 180, introduz-se a igualdade na forma da lei, entre os alunos: "Todo o aluno tem direito a receber, em igualdade de condições, os benefícios de caráter educativo que a Escola proporciona e está sujeito à legislação vigente e às prescrições deste regimento". Neste documento, o artigo que trata dos direitos tem dez itens, enquanto o que prescreve os deveres tem oito, quando fala dos impedimentos também há oito itens. "Conhecer o presente regimento e solicitar informações sobre o mesmo" era um dos "deveres" no "Regimento de 1969", neste aparece como um "direito". Entre os "direitos", alguns se destacam: "participar das atividades escolares destinadas a sua formação como elemento consciente e atuante na comunidade em que vive". (Como seria um elemento consciente e atuante na comunidade neste período da vida estudantil?) A partir desta norma, os alunos têm o "direito" de "solicitar esclarecimento, oralmente ou por escrito, sobre o resultado da avaliação"; "ser respeitado em sua individualidade", "estabelecer um diálogo franco e aberto com a Direção, professores e funcionários para possíveis esclarecimentos e enriquecimento mútuo".

Neste momento, o aluno passa a ter novos "deveres", tais como: "integrar-se na dinâmica do processo educativo", "acatar a filosofia da escola", "informar aos pais as comunicações da escola". Entretanto, é no artigo 183, das vedações, que se observa maiores rupturas, passo a citá-las: "entrar e sair das aulas sem a permissão do professor", "rasurar boletins ou outros documentos referentes a sua vida escolar", "usar, sem a devida autorização, o nome da escola para

qualquer tipo de propaganda, campanha ou promoção", "ingerir e distribuir tóxicos ou bebidas alcoólicas na escola", "comparecer à escola em estado de embriaguez ou sob efeito de substâncias entorpecentes".

Sobre as penalidades há um artigo com três parágrafos:

"As penalidades a que estão sujeitos os alunos são advertência, exclusão da sala de aula, suspensão e cancelamento de matrícula, aplicadas por quem se indica neste regimento.

1º - As penalidades de advertência oral e exclusão da sala de aula cabem ao professor, sendo que esta última deverá ser comunicada, imediatamente, ao Vice-diretor, por escrito.

2º - As penalidades de advertência e suspensão aplicadas pelo Diretor e Vice-diretor, constarão na Ficha Escolar, datadas e assinadas por quem as aplicar e pelo aluno.

3º - A penalidade de cancelamento da matrícula compete ao Conselho de Direção, devendo constar na Ficha Escolar do aluno".

A pena de cancelamento de matrícula é prerrogativa do Conselho de Direção, enquanto que no "Regimento de 1969" essa pena era aplicada pelo Diretor, ouvido o Conselho de Direção.

Neste momento, o Centro Cívico aparece ao lado do Grêmio Estudantil. Pela complexidade que alcançou esta entidade representativa dos alunos, percebe-se uma ruptura em relação ao Conselho de Alunos, do "Regimento da Década de 60". Sobre o Grêmio Estudantil, lê-se normas²² representativas do período, dando-lhe um caráter de organismo representativo dos alunos e de assessoramento à Direção na função integradora.

²² Vide em anexo.

2.1.4 "Regimento de 1985"

O "Regimento de 1985" apresenta, ratificando o previsto no "Regimento de 1981", o Serviço de Disciplina tendo como responsável um membro indicado pela Direção, enquanto nos demais regimentos, esse serviço era feito e chefiado por pessoas que detinham o cargo de Auxiliares de Disciplina. Quanto às atribuições do Serviço de Disciplina, relacionando com "Regimento de 1981", continuam as mesmas, acrescidas de participação no plano geral da escola (participar da elaboração, execução e avaliação do plano geral da escola), bem como "elaboração de normas de funcionamento do serviço".

Em relação aos "Direitos do Corpo Discente", há doze itens, e um novo "direito" surge: "solicitar, por escrito, revisão de nota até 72 horas, no último bimestre e na Recuperação Terapêutica e até dez dias, nos demais bimestres, após publicação oficial do resultado, pela Escola". Neste período o aluno pode discordar da nota obtida em uma avaliação e solicitar revisão, que é feita por uma banca de professores da disciplina, assistidos por uma professora do Serviço de Supervisão Escolar, conforme prevê a norma.

Os "deveres" dos alunos neste regimento são oito e não diferem em nada do regimento anterior.

No artigo 185, sobre as "penalidades", a de "advertência" transforma-se em repreensão oral e por escrito. Continua como prerrogativa do professor a aplicação das penalidades de "repreensão oral" e "exclusão da sala de aula". Quanto às penalidades de "repreensão por escrito" e "suspensão" são aplicadas pelo Diretor ouvido o Vice-diretor, e registradas em livro próprio. Já a pena de "cancelamento compulsório de matrícula", compete ao Conselho de Direção. Não

há nenhuma alusão a obrigatoriedade de constar na ficha do aluno esse "cancelamento compulsório de matrícula", conforme lia-se no "Regimento de 1981".

2.1.5 "Regimento Atual"

O "Regimento Atual" traz uma curiosidade, qual seja, no sumário anuncia-se dentre os Serviços Gerais quatro serviços: Serviço de Monitoria Escolar, Serviço de Reprografia²³, Serviço de Conservação e Limpeza e Serviço de Portaria e Vigilância. No interior do documento, na Seção VII - DOS SERVIÇOS GERAIS, aparece Serviço de Disciplina, onde esperava-se encontrar Serviço de Monitoria Escolar. Todavia na SUBSEÇÃO I, onde o serviço é descrito a referência é toda ao Serviço de Monitoria Escolar; entretanto as competências deste serviço não se diferenciam muito daquelas do Serviço de Disciplina do "Regimento de 1985". No entanto, destaco algumas modificações em relação ao regimento anterior: o artigo 117 estabelece que "o serviço de Monitoria Escolar é constituído por pessoas designadas pela Direção"; não se refere mais ao cargo de auxiliar de disciplina. Dentre as atribuições do serviço, uma é inovadora: "orientar o aluno quanto a normas de conduta"; deve "prestar assistência a professores e alunos" - anteriormente esta era só para os alunos e não diz que tipo de assistência.

Os "direitos discentes", os "deveres dos alunos" e o artigo que em seu *caput*

²³ Executa trabalhos de datilografia, de multiplicação de textos e correlatos. (Regimento Escolar, em vigor)

reza "é vedado ao aluno" não apresentam nenhuma alteração se comparados aos regimentos anteriores.

No "Regimento de 1985", a penalidade de repreensão por escrito era aplicada pelo Diretor, neste período a penalidade aplicada pelo Diretor é apenas a de suspensão; esta foi a única diferença observada no Capítulo dos Direitos e Deveres do Corpo Discente entre os dois documentos.

Sobre o Grêmio Estudantil diz o seguinte: "O Grêmio Estudantil, instituição representativa que congrega os alunos matriculados, tem finalidade social, desportiva, cultural, cívica e educacional, regendo-se por legislação própria." Observa-se que este organismo adquire uma qualidade de independência.

Quando se refere ao professor, o Regimento Escolar revela-se também uma fonte rica para estudo dos direitos, deveres, competências, vedações, penalidades. Dos seis documentos que examinei, pode-se fazer dois grandes grupos. Em três, destes regimentos, encontrei, dentre as competências, que o professor deve: "manter a disciplina e a boa ordem na suas aulas". Ainda encontrei nestes, o da "Década de 60", o de "1969" e o de "1970", a "falta de cumprimento do dever, por parte do professor, é auferida", entre outros itens, se "manifesta a reiterada incapacidade de manter disciplina em classe". Os outros regimentos, "de 1981", "de 1985" e o "Atual", não falam mais em manutenção da ordem e da disciplina. Estes cobram assiduidade, pontualidade, "conduta exemplar, de modo a influenciar positivamente os alunos". Dentre os deveres do corpo docente, lê-se: "cumprir e fazer cumprir as normas estabelecidas neste Regimento; manter-se constantemente atualizado; apresentar-se, no local de trabalho, convenientemente trajado".

2.1.6 Plano Integrado

Toda a realidade da escola, que não se enquadra no Regimento Escolar em vigor, é detalhada em um grande planejamento, chamado, à época, de Plano Integrado, com vigência prevista para dois anos. Além do que, este documento completa e regulamenta as normas constantes no regimento; sendo desta forma um importante instrumento que delinea a ação das escolas. É onde constam os projetos da comunidade escolar para o biênio em voga. O Plano Integrado é composto dos planos de ação de todos os setores da escola. Todos os planejamentos contém cinco subtítulos, quais sejam: objetivos, metas, programação, organização e avaliação.

A totalidade das citações que fizer nesta parte, referem-se ao PLANO INTEGRADO de 1996, aqui, pode-se ver importantes suportes teóricos da realidade escolar, tais como a filosofia

"... visa ser uma escola viva, agente de transformação e mudança crítica, responsável, procurando sempre atender as individualidades da comunidade escolar, valorizando a formação, tanto de seu aluno, como de seu professor, priorizando o crescimento do Curso de 2º Grau - habilitação Magistério e oportunizando a unidade de ação, auto-disciplina, ressurgimento de seus valores tradicionais e engajamento das diferentes classes sociais."

Ainda, é no Plano Integrado que dentre os quatorze objetivos da direção, o sexto pretende "Organizar o setor de disciplina", cuja meta é: "Agilizar o setor de disciplina, colocando pessoal disponível e responsável tempo integral a fim de atender as solicitações dos professores e atendimento aos alunos encaminhados."

Sob o título de Programação, dentro do mesmo objetivo acima citado, pode-se ler o seguinte: "- Expor o horário dos funcionários no seu setor. Campanhas para melhorar a disciplina e o cumprimento dos seus deveres tanto dos funcionários como alunos. Distribuição de tarefas com justiça."

Alguns planos de ação dos setores revestem-se de especial importância para este estudo, como é o caso do plano do Setor de Disciplina. Entendo que se obtenha um resultado interessante destacando os objetivos e atividades deste setor:

"Diminuir o índice de alunos fora de sala de aula. - Formar hábitos em vista a disciplina dos alunos. - Proporcionar um melhor relacionamento entre alunos no recreio. - Prestar atendimento imediato aos alunos quando encaminhados ao setor, pelo professor e posteriormente encaminhá-los aos setores competentes - SOE ou CAE. - Atender aos pais e/ou responsáveis quando solicitada a presença destes no setor. - Reunir com os psicólogos do CAE e orientadores do SOE visando um trabalho conjunto."

Dentre as atividades propostas e aprovadas do Setor Disciplinar algumas são elucidativas para este trabalho: "Conversa orientada; Circulação nos pátios e corredores; Reuniões, conversa informativa; Autorização para controlar a entrada e saída dos professores na sala de aula."

Conforme o "Regimento Atual", os planos que compõem o Plano Integrado são de responsabilidade dos coordenadores de cada setor, que podem elaborá-los com o auxílio de seus pares. Uma vez que os coordenadores de vários serviços são indicados pelas direções, têm-se uma visão genérica da expressão da vontade política das administrações das escolas no Plano Integrado.

2.2 As normas, as regras...

Através de entrevista com o coordenador do Setor Disciplinar têm-se uma idéia do funcionamento do mesmo. Durante este relato vou chamá-lo de Coordenador, por ser o cargo que ele exercia no momento. Este setor surgiu a partir daquele projeto sobre disciplina, que já anunciei anteriormente, embora não conste no Regimento Atual da Escola ele está detalhado no Plano Integrado vigente no período deste estudo.

No Setor Disciplinar há um Livro de Ocorrências, um Fichário (onde os alunos são registrados, por série e por turma), Fichas de Encaminhamento, Ficha de Ocorrência individual por aluno e Livro de Advertência.

O Coordenador prefere usar o Livro de Ocorrências somente em casos muito graves, nos demais ele acompanha, ajudando os alunos, conforme pode-se ler em suas palavras:

"...mais como uma psicologia também pro aluno; eu falo muito com ele, eu xingo, eu tô sempre, ele, mas eu também tô sempre ajudando. Eu tenho oito a dez casos aí que eu já entrei no particular deles, na vida particular deles e eu verifiquei que não... não é daquela maneira que o professor expõe: "Tem que expulsar, tem que fazer, tem que acontecer..." Não é assim, eu acho que ele tem que ter um acompanhamento, eu acho que ele precisa ter uma ajuda de alguém."

O Livro de Advertência é um instrumento muito utilizado: "... eu tenho aqui um livro de advertência que é um caderno (...) que é uma maneira, não é que a gente queira amedrontar mas pelo menos intimidar a parte violenta do aluno, entendeste?". Para os alunos maiores, do turno da noite, por exemplo, também é usado o Livro de Advertência e muita conversa, conforme observa-se na entrevista: "... pros grandes, da noite, eu converso muito, já tive aqui várias pessoas, até um senhor de 52 anos aqui conversando comigo que foi estúpido com uma professora...".

O Coordenador entende que as normas devem ser incutidas e implementadas aos poucos e com jeito:

"São medidas que tu fazendo, que tu vai adaptando, que a curto, não digo a curto mas a médio prazo tu consegues. Vê que hoje tu chegas aí na frente do colégio e tu não encontra confusão, Mas logo em seguida que eu comecei a dizer que era 7h e 10 min, que das 7h e 10 min às 7h e 30 min não en, só entrava quem tinha autorização... Nos primeiros dias foi um terror, não é? Mas aí, o que é que tu faz? Vai lá e tem que ter aquele jogo de cintura. Em qualquer, eu acho que em qualquer departamento que tu funcionar, se tu não tive sensibilidade no trato das coisas tu não consegues nada..."

Esta fala de meu entrevistado é testemunha da nova forma de relação entre o poder político e os corpos, onde estes precisam ser adestrados para usar suas forças com otimização no trabalho.(Foucault, 1997)

Também pode-se observar na fala do Coordenador o uso do bom senso no atendimento dos casos, ou seja, nota-se que cada caso é examinado em particular: "... Ah, porque eu tenho prova, porque... Isso a gente resolve pela tática: Oh, hoje vocês vão entrar, a partir de amanhã já sabe que não entra, não é? Tem uma certa norma..."

Pode-se perceber que no desempenho do setor há procedimentos pedagógicos, como:

"... Só que quando eu conversei com os dois aqui, o agredido e o agressor, conversei, conversei com eles, fiz a ocorrência, fiz eles darem as mãos, disse: Olha vocês sempre foram amigos e tal!"

"... A disciplina do colégio onde é que começa? Começa lá no jardim, então começa lá no jardim e termina naquela pessoa, não me interessa se tem 50, se tem 60, se tem 70 anos, foi aceita a matrícula aí ela está sujeita a própria disciplina, é a mesma coisa que trabalhar na empresa privada, tu não vai xingar o patrão, tu não vai sair, não vai entrar a hora que tu quer, tu tens normas, assim como tu tens direitos trabalhistas, tu tens deveres também, não é?"

Sobre o cotidiano da sala de aula, o entrevistado não tem uma visão muito otimista, através dos casos que chegam até o setor ele avalia que alguns

poderiam ser resolvidos pelo professor durante o processo: "Não, não! Os bons professores não encaminham, a não ser as coisas mais graves, do contrário é resolvido tudo em sala de aula. Agora, tem professores que eu trabalho mais pra eles..."

Percebe-se por alguns trechos do discurso do coordenador que este avalia o trabalho do professor e classifica-o em bom ou não, através dos casos de indisciplina que são encaminhados.

Os motivos de encaminhamento são muitas vezes banais, como: "...eu acho que se o cara espirrar dentro da sala de aula, o professor já tá botando ele pra rua. São banalidades, maior parte que chega aqui são banalidades - atirou uma bolinhas de papel, não é?"

Na avaliação do Coordenador, o professor passa adiante casos que poderia resolver: "... há muita falta do professor, não é falta de professor, é falta do professor na sala de aula. A falta de pulso do professor..."

Dos 50 minutos de cada período, o Coordenador acredita que somente uns 10 minutos são efetivamente de aula, os demais são usado em outras atividades: "...então 10 minutos ele chega mais tarde, sobra 40; 10 minutos ele faz a chamada, sobra 30; desses 30 ele fala mal do governo e fala dos problemas pessoais, sobra 20 minutos; dá 10 minutos de aula e solta 5 minutos mais cedo; essa é a realidade..."

A linguagem usada pelo representante do setor é muito semelhante àquela usada pela polícia: "... é diferente da, do flagrante, quando tu flagra um

acontecimento a realidade é outra, mas quando te chega também, tu tem na verdade que pesquisar, e foi pesquisando com os alunos e constatado...”.

2.3 Setor de disciplina ou tribunal escolar

Este setor é o *locus* onde funciona o controle disciplinar da escola. Fica situado no pavimento térreo, onde funcionam outros setores importantes, num lugar de destaque. É uma pequena sala, bem mobiliada para o padrão da escola. Até ramal telefônico tem, o que não é usual em todos os setores. Parece-me que esta localização do setor é estratégica para a visibilidade da punição do infrator, como lê-se em Foucault:

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. (Foucault, 1996a, p.153)

É para este lugar que vêm os alunos infratores. Trazem consigo um encaminhamento que é transcrito para sua ficha (ou vêm acompanhados por um funcionário). Aqui eles devem confessar seu ato de indisciplina. Também assinam advertência e/ou ocorrência. A confissão, segundo Foucault, é um discurso produzido numa relação de poder:

... é também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas conseqüências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação. (Foucault, 1979, p. 61)

O Setor Disciplinar é quase uma réplica de um tribunal, onde são penalizados todos os atos que fogem das malhas da lei, mas que no cotidiano da escola

ganham realce, conforme lê-se em Foucault: *"Mas a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, e que é apenas um modelo reduzido do tribunal. O que pertence à penalidade disciplinar é a inobservância, tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios"*. (Foucault, 1996a, p. 160)

Neste local a conduta do aluno é julgada e este recebe a punição merecida - de acordo com o código vigente na instituição, com o intuito de transformá-lo em um sujeito normal. É onde os alunos que se diferenciam de alguma maneira recebem um tratamento especial, bem como são classificados em disciplinados ou indisciplinados.

2.3.1 Livro de Advertência

O Livro de Advertência foi criado juntamente com o Setor de Disciplina em 1994 e retomado em 1997, seu conteúdo é de informação ao aluno - e em determinados casos, aos pais, também. Nele constam: o motivo do encaminhamento e, seguidas vezes, o aviso de que o aluno estará em observação por tantos dias e a assinatura do aluno, como pode-se observar neste exemplo: "O aluno José da Silva, da turma 71, foi encaminhado ao setor por não estar copiando a matéria na sala de aula da professora Maria. O mesmo fica em observação por 10 dias." Ao que se seguia a data e assinatura do aluno.

2.3.2 Livro de Ocorrência

Este livro, diferentemente do acima citado, tem um caráter mais oficial e uma vida mais longa no setor. Está em uso desde março de 1995 e contém registros de ocorrências até novembro de 1997.

O Livro de Ocorrência constituiu-se em rica fonte de informações para minha análise, onde encontrei o registro dos comportamentos desviados dos alunos, em relação ao tempo, à atividade, à maneira de ser, ao corpo e à sexualidade.

Aqui visualiza-se quais são os comportamentos considerados anormais:

Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora uma microplenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes "incorretas", gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). (Foucault, 1996a, p. 159)

O universo de ocorrências encontrado foi de 423, assim distribuídas durante os três anos: em 1995 há registro de 181 ocorrências; em 1996, há 112; de março a setembro de 1997, há 130 registros.

Vou transcrever o tema das ocorrências, agrupando-as segundo a classificação de Foucault que citei acima. Entretanto, uma das ocorrências não foi possível determinar a categoria onde enquadrá-la: "é ameaçado de morte por gang". A dificuldade de enquadramento deve-se ao fato de que o aluno que sofria a ameaça é que teve o registro de indisciplina, uma vez que os componentes da "gang" não eram identificados.

Em relação ao tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas) encontrei os seguintes tipos: "gazejar" aula dentro da escola, atrasar a entrada na sala

de aula, sair mais cedo da escola, não comparecer às aulas em dias de provas, não freqüentar as aulas, chegar à escola com atraso.

Quanto à atividade (desatenção, negligência, falta de zelo): demonstrar falta de interesse, deixar de observar a ordem, ser desatento, trabalhar só quando tem vontade, ter caderno incompleto, responder com malícia, ser agressivo e irônico ao responder às questões em provas, fazer desenhos impróprios, não trabalhar em aula, copiar as respostas dos colegas, não copiar, negar-se a fazer exercícios físicos, não fazer temas.

Relativamente à maneira de ser (grosseria, desobediência): agredir fisicamente o professor, agredir fisicamente o colega, debochar da inspetora de disciplina, ser deseducado com professores e colegas, deixar de observar a disciplina, ser grosseiro com o professor, perturbar os colegas em aula, desrespeitar o professor, desafiar o setor disciplinar, brigar em aula, "perseguir" à professora, desrespeitar a funcionária, jogar material na classe, brincar, dar tapas, correr pelos corredores e escadas, desrespeitar a direção, apresentar comportamento indevido, agitar os colegas, ser agressivo, caminhar em aula, fazer brincadeiras perigosas, jogar bola de papel no colega, fazer bagunça, faltar com o respeito aos colegas, acompanhar pessoa de fora da escola que rouba materiais, negar-se a assinar uma folha em branco, telefonar até de madrugada para a casa da professora, rir em aula, não obedecer ordens, debochar da professora, não ter tato com professores e colegas, desafiar a professora, comer merenda dos outros, ameaçar o colega, desrespeitar os colegas, relacionar-se mal com o professor, faltar com a responsabilidade, comer merenda em aula, separar brigas, apitar em aula, jogar giz nos colegas, sentar e pular na janela, desacatar a autoridade, agir de maneira desagradável, reclamar de tudo em aula, falsificar assinatura, insubordinar-se, perturbar,

apresentar comportamento irônico, mentir, ameaçar a professora com a Delegacia de Educação, ser grosseiro e mal educado com inspetora de disciplina, responder para professora.

Quanto ao discurso (tagarelice, insolência): agredir verbalmente o professor, agredir verbalmente o colega, conversar em aula, proferir palavras de baixo calão, pedir para ir ao banheiro de forma vulgar, gritar com o professor, dizer piadas, dizer gracinhas em aula, gritar em aula, fazer colocações indesejáveis.

Em relação ao corpo (atitudes "incorretas", gestos não conformes, sujeira): atirar pedra, jogar lata ou garrafa, causar danos ao patrimônio, implicar com colegas, pular o muro, retirar xixi do vaso sanitário e oferecer aos colegas, envolver-se em brigas, andar de esqueite nos corredores da escola, embriagar-se, usar boné nas dependências da escola, perturbar o andamento escolar, dar sumiço em dinheiro, furtar boné do colega, carregar material perigoso, pular o muro para entrar na escola, brincar de esconder material dos colegas, jogar ovos, relinchar como cavalo, chamar na janela as pessoas que passam na rua, tirar bola dos menores, arrombar armário, fumar no pátio da escola, beber cerveja em aula, acender fósforos ou isqueiros em aula, promover brincadeira que causa lesão corporal, escutar rádio em aula, jogar futebol no horário de aula, levantar em aula, cantar em aula, ficar na frente da escola e não entrar, furtar "tazos", cortar cabelos dos colegas, bater boca em aula, bater e pular em aula, atirar bola de papel no lixo, colocar fogo em cartazes, cuspir pela janela, portar arma.

Por fim, **quanto à sexualidade** (imodéstia, indecência): desrespeitar o colega com atitude obscena, baixar as calças, fazer gestos obscenos, passar a mão nas meninas, fazer xixi no pátio.

É neste livro que se encontra também descrita a forma, legalmente prevista no Regimento Atual, como o aluno foi punido, que varia desde o constrangimento social perante os colegas, passando pelo encaminhamento para o setor disciplinar, advertência oral, ocorrência, suspensão até o cancelamento compulsório de matrícula, conforme lê-se em Foucault: "*Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações.*" (Foucault, 1996a, p.159)

Algumas situações de penalidades²⁴ não chegam ao Setor Disciplinar, nem estão previstas legalmente, exclusivamente na observação da prática escolar é que se consegue apreendê-las:

A modelagem do corpo dá lugar a um conhecimento do indivíduo, o aprendizado das técnicas induz a modos de comportamento e a aquisição de aptidões se mistura com a fixação de relações de poder: formam-se bons agricultores vigorosos e hábeis; nesse mesmo trabalho, desde que tecnicamente controlado, fabricam-se indivíduos submissos, e constitui-se sobre eles um saber em que se pode confiar. (Foucault, 1996a, p. 258)

O maior número de registros deste período - de março de 1995 até novembro de 1997 - é relativo a agressividade, seguido de negativas para trabalhar em aula, perturbação da sala de aula...

Pelo estudo dos regimentos, fichas de alunos, Livro de Ocorrência e de

²⁴ Voltarei a este tema das penalidades mais adiante.

Advertência, Plano Integrado observa-se que **tanto o aluno quanto o professor são reféns de um projeto de escola para um determinado tipo de sociedade, que lhes cobra maneiras de ser.**

3 TESSITURA DA REDE

... também predestinamos e condicionamos. Decantamos nossos bebês sob a forma de seres vivos socializados, sob a forma de Alfas ou de Ípsilons, de futuros carregadores ou de futuros ... - ia dizer 'futuros Administradores Mundiais', mas, corrigindo-se, completou: - futuros Diretores de Incubação.

Huxley

Entendo que o campo teórico de minha investigação filia-se a uma longa tradição de pesquisa inaugurada, - como bem situou Deleuze (1976, p. 32) em "Nietzsche e a Filosofia"-, por Espinoza, quando este, na "Ética", introduz a indagação a respeito do que pode um corpo livre das forças que o arremetem. Desta forma, os autores revisados nesta seção são aqueles que construíram um conhecimento em torno da produção de subjetividade, ou seja, aqueles que trabalharam para denunciar e problematizar a dominação. Então, tentarei articular este estudo olhando a questão disciplinar, nas práticas do dia-a-dia da escola, nas relações de poder que se estabelecem para perceber de que modo se dá a formação dos sujeitos.

Estou entendendo a maioria dos "problemas disciplinares" como formas de resistências contra o poder disciplinar; como iscas que me levarão até as malhas que compõem as relações de poder, para perceber sua circulação, seus métodos e descobrir seu ponto de aplicação, como se lê em Foucault: "*... consiste em usar esta resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados*". (Foucault, 1995. P. 234)

Por outro lado, no universo guattariano, alguns "problemas disciplinares" podem ser encarados como um processo de singularização, como uma forma de reagir ao cotidiano de tratamento uniformizante da escola, como uma resistência ao poder disciplinar; Félix Guattari entende que as pessoas podem reagir à formação da subjetividade de duas maneiras diferentes:

O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. (Guattari, Rolnik, 1986, p. 33)

Exemplares de resistência ao tratamento uniformizante da instituição são as seguintes ocorrências:

"Os alunos Fábio e Tiago do 2ºPPT, noturno, foram encaminhados pela professora Jane, por demonstrarem total desinteresse na sala de aula, com atitudes de deboche e risadas. A professora chamou a atenção, pedindo silêncio por três vezes e não foi atendida."

"O funcionário pediu que o aluno assinasse uma folha onde constava a assinatura de quatro alunos da turma 84, o aluno negou-se e faltou com respeito com o funcionário. Por este motivo o aluno está suspenso por três dias a contar do dia 02/12"

Portanto, a escola pode usar um tratamento pseudo-igualitário para todos, mas cada pessoa reage de uma maneira. Uns resistem ao assujeitamento que a instituição lhes impõem, reagindo com um comportamento indisciplinado. Uns se submetem desde o início, outros deixam passar algum tempo para depois fazê-lo; outros talvez nunca o façam.

Freire e Shor (1987) também abordam a resistência estudantil, que vai de movimentos políticos até o vandalismo. (p. 51) E aqui eu incluo os chamados *problemas disciplinares*. Onde até a posição do olhar é controlada pela escola - olhos baixos -, para aprendizagem da submissão. O cotidiano é disciplinarizado, a rotina tem fileiras de tédio, o sabor do saber não tem lugar para o movimento, a alegria, o riso, a busca do diferente... (Eizirik, Comerlato 1995)

A escola, uma das herdeiras da tradição cartesiana, trabalha como se apenas o pensar produzisse conhecimento. Ferreira e Eizirik chamam a atenção para o fato de que a "*complexidade da inteligência humana é constituída por uma gama de conhecimentos: sensível, intelectual, imaginário, judicativo, intuitivo*" (1994, p.5).

Ainda, em Eizirik e Comerlato, encontrei a escola em sua face sisuda, exigindo um comportamento que não é natural e deixando de trabalhar os demais aspectos da humanidade com os alunos e os professores:

Psss... Silêncio, não pode falar, não pode gritar, não pode chorar... Como pode viver? Precisa trabalhar, precisa ganhar, precisa comer, precisa vestir, criar filho, pagar aluguel e as contas no fim do mês... Quem pode desafiar? Tantos "não podes", asfixias... tantos medos... punições: o melhor é calar, sufocar, conter, fingir que não vê, fingir que não sente, fingir que não se importa... mas como esconder, aprisionar, a ânsia explosiva, rebelde, de estar vivo?... O coração batendo de raiva, de indignação, de admiração, de surpresa, como fazer parar o coração? Como apagar a vontade? Como driblar o desejo? Forças vivas que habitam os corações de homens e mulheres, desafiam o tempo e a tragédia, todas as injustiças e adversidades, mas iluminam a própria vida. (Eizirik, Comerlato, 1995, p. 119)

É visível que, na escola, os alunos aprendem a sufocar a própria espontaneidade. Quando esta não é sufocada é que surgem os "problemas disciplinares":

... E a criança, que tem capacidade extraordinária de dança, de canto, de desenho, etc, perde em poucos meses toda essa riqueza. Sua criatividade cai numa espécie de grau zero: ela começa a fazer desenhos estereotipados, ela se modeliza segundo as atitudes dominantes. (Guattari, Rolnik, 1986, p. 98 -99)

Assim, pode-se dizer que os processos de submissão, aos quais as crianças são expostas desde a mais tenra idade, têm a finalidade de fabricar adultos que se

enquadrem no tipo adequado de produtor e consumidor do Capitalismo Mundial Integrado (CMI)²⁵.

Guattari estudou a produção de subjetividade, enquanto uma forma de dominação e sujeição. Neste autor lê-se que o CMI produz uma subjetividade consensual, propagada mundialmente:

A produção de subjetividade pelo CMI é serializada, normalizada, centralizada em torno de uma imagem, de um consenso subjetivo referido e sobrecodificado por uma lei transcendental. Esse esquadramento da subjetividade é o que permite que ela se propague, a nível da produção e do consumo das relações sociais, em todos os meios (intelectual, agrário, fabril, etc.) e em todos os pontos do planeta. (Guattari, 1986, p. 40)

É, ainda, Guattari que aponta a dupla opressão que o CMI oferece à sociedade, ou seja, além de oprimir economicamente os sujeitos, também oprime através da produção de subjetividade:

Primeiro, pela repressão direta no plano econômico e social - o controle da produção de bens e das relações sociais através de meios de coerção material externa e sugestão de conteúdos de significação. A Segunda opressão, de igual ou maior intensidade que a primeira, consiste em o CMI instalar-se na própria produção de subjetividade; uma imensa máquina produtiva de uma subjetividade industrializada e nivelada em escala mundial tornou-se dado de base na força coletiva de trabalho e da força de controle social coletivo. (Op. cit., p. 39)

A resistência ao poder disciplinar é colocada por Foucault naquele tipo de lutas que são "transversais", ou seja, aquelas lutas que "não são limitadas a um país". São lutas que têm como objetivo "os efeitos do poder enquanto tal", porque "exercem um poder sem controle sobre os corpos das pessoas, sua saúde, sua vida e morte". São lutas imediatas porque visam o inimigo imediato e procuram

²⁵ O Capitalismo Mundial Integrado é como Guattari prefere chamar o capitalismo pós-industrial: "O capitalismo pós industrial que, de minha parte, prefiro qualificar como Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tende, cada vez mais a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens, etc. (Op. cit., p. 31)

uma solução imediata para seus problemas. São lutas que "*afirmam o direito de ser diferente*" e "*são batalhas contra o governo da individualização*". Por fim, a resistência ao poder disciplinar, a indisciplina se localiza no grupo de "*lutas contemporâneas*" que "*giram em torno da questão: quem somos nós?*" (Foucault, 1995, p. 234,235)

O objetivo principal dessas lutas é contra uma forma de poder. Contra aquela forma de poder que faz dos indivíduos, sujeitos. Sujeito naqueles dois sentidos já apontados anteriormente: "*sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou auto conhecimento*". Os dois sentidos pertencem a um tipo de poder que subjuga e submete. (Op. cit., p. 235)

A resistência contra o poder disciplinar pode ser colocada, ainda, num daqueles três tipos de lutas sociais:

... existem três tipos de lutas: contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão). (Op. cit., p. 235)

Posso dizer que ao classificar as lutas características do nosso tempo, o tipo que vai se tornando cada vez mais importante é a "*luta contra as formas de sujeição - contra a submissão da subjetividade*". Entretanto, as lutas contra as formas de dominação e exploração, que predominaram durante o século XIX, ainda continuam. (Op. cit., p. 236)

Foucault oferece uma "*peça para uma genealogia da alma moderna*", através da história da "*microfísica do poder punitivo*", mostrando que os procedimentos

históricos de punição, castigo, vigilância e coação são os ingredientes de produção da subjetividade do homem moderno:

A história dessa microfísica do poder punitivo seria então uma genealogia ou uma peça para uma genealogia da "alma" moderna. A ver nessa alma os restos reativados de uma ideologia, antes reconheceríamos nela o correlativo atual de uma certa tecnologia do poder sobre o corpo. Não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em torno, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos - de uma maneira mais geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência. Realidade histórica dessa alma, que, diferentemente da alma representada pela teologia cristã, não nasce faltosa e merecedora de castigo, mas nasce antes de procedimentos de punição, de vigilância, de castigo e de coação. (Foucault, 1996a, p. 31)

E a escola? Bem, esta instituição não foge ao padrão do quadro até aqui exposto. Assim, mais do que ensinar técnicas e conhecimentos, normaliza, ensina regras do bom comportamento, ensina a ser submisso, disciplinado e homogêneo, produzindo subjetividade sob encomenda para o mundo contemporâneo. Através da vigilância, do treinamento e da correção produz a alma do homem comum.

Ao ler o texto intitulado "A maquinaria escolar", parece que começo a visualizar o disciplinamento que a escola faz com os alunos, ensinando-os a obedecer, a submeterem-se à autoridade e à cultura legítima. Concordo com a idéia de que a escola ensina principalmente um jeito de ser:

A educação do menino trabalhador não tem pois como objetivo principal ensiná-lo a mandar, senão a obedecer, não pretende fazer dele um homem instruído e culto, senão inculcar-lhe a virtude da obediência e a submissão à autoridade e à cultura legítima. (Varela e Alvarez-Uria, 1992, p. 90)

As tecnologias de controle instauram a partir do século XVII e XVIII uma

nova economia do poder, com procedimentos que permitem fazer circular os efeitos de poder de forma ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e individualizada em todo o corpo social. (Foucault, 1984, p. 8)

O poder está disseminado e distribuído em toda a sociedade. Substitui a oposição lei-ilegalidade por ilegalismos-lei. Isto transposto para a escola resultaria na oposição indisciplina-poder disciplinar. Dito de outro modo, é necessário o ato indisciplinado para que o poder disciplinar seja formalizado.

A disciplina, dentro das relações de poder, foi abordada amplamente por Michel Foucault em seu livro "Vigiar e punir: o nascimento da prisão "; no qual, a escola se encontra ao lado de outras instituições disciplinares aplicando tecnologias para a fabricação de corpos submissos:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". (Foucault, 1996a, p. 127)

Assim, a ocorrência nº 360/97 pode demonstrar uma resistência à produção de corpos submissos:

"O aluno Aníbal da turma 73, foi encaminhado a este setor pela professora Rose de Educação Artística, sob alegação que o mesmo não copia a matéria, não apresenta trabalho, conversa, ri, brinca, grita e perturba a aula e quando chamado atenção responde para professora. O aluno foi mandado sentar-se no lugar, pois estava na janela, sai gritando com a professora e jogou o material na classe. O referido aluno será advertido por este setor de Disciplina para não mais fazê-lo e falaremos da importância do Regimento da Escola."

O aluno indisciplinado aparece como aquele que não faz o que se quer, e quando o faz, não é tão eficiente quanto se deseja que o seja. A ocorrência nº 142/95 é exemplar: "O aluno Michael, da 2º PPT, noturno, foi encaminhado pela professora Jane, por demonstrar desinteresse na sala de aula, falando alto, debochando e rindo. Quando solicitado a retirar-se da sala de aula,, saiu batendo na classe e proferindo palavras de baixo calão (nomes feios)".

A escola aparece como uma instituição que cuida de todos os pormenores, onde os detalhes são significativos, onde à disciplina importa até o infinitamente pequeno:

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito. (Foucault, 1996a, p. 129)

Quando me referir à disciplina estarei ancorada no conceito que me parece tornar compreensível o que é, qual seu objetivo e seus efeitos: "... métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de sua força e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de disciplinas." (Op. cit., p. 126)

Ao procurar o significado da palavra disciplina, em sua origem etimológica latina, encontrei o que segue:

Segundo Marcus Tullius Cicero, disciplina é instrução, ensino, educação, criação. Seja ou escola de algum filósofo. A ciência. Conservar a doutrina que aprendeu do mestre. Segundo T. Maccius Plautus: servir de exemplo a outros. (Cintra, Cretela Júnior, 1947, p. 334)

Já o renomado Aurélio define disciplina como:

regime de ordem imposta ou livremente consentida, a ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc.); relação de subordinação do aluno para com o mestre ou instrutor; observância de preceitos ou normas; doutrina; matéria de ensino, conjunto de conhecimentos que se professam em cada cadeira de um estabelecimento de ensino; pl. correias com que frades e devotos se açoitam por penitência ou castigo. (Ferreira, s.d.)

No entanto, hoje, com as características atuais da escola, a disciplina se tornou um instrumento de serialização, de modelização, de normalização, de formação de identidades uniformes. É um processo direcionado para a

totalidade, para a igualdade, um processo de sujeição muito parecido com a "doma"²⁶.

Contraditoriamente, lá pelas tantas, os professores pedem aos alunos que sejam criativos, entretanto, desde os primeiros dias na escola eles são trabalhados para serem idênticos, para copiarem, para se normalizarem; desde as séries iniciais os alunos devem fazer exercícios de "segue o modelo".

Esta disciplina, que trato aqui, não é o mesmo que escravidão, pois não se apropria do corpo. Distancia-se da domesticidade, que *"é uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão..."* Distingue-se, igualmente, da vassalagem, que é uma relação mais distante. Das disciplinas do tipo monástico igualmente se diferencia pelo objetivo que é mais de renúncia do que de aumento de utilidade, e *"têm como fim principal um aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo"*. (Foucault, 1996a, p. 127)

A disciplina que caracteriza as sociedades disciplinares é *"uma arte do corpo humano que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco fundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente"*. O objetivo desta disciplina é fabricar: *"... corpos submissos e exercitados, corpos dóceis"*. (Op. cit., p. 127)

²⁶ Processo pelo qual os animais selvagens (aqui refiro-me principalmente aos cavalos, através dos quais aportei o mundo da indisciplina, como citei na *Gênese*) são domesticados, tornando-se dóceis e previsíveis. Conforme Camargo(s/data), a doma pode ser suave e racional "pelo *Método Castilho*, sem assustar o animal, sem maltratá-lo, nem traumatizá-lo, tornando-o dócil, manso, confiante e obediente aos comandos do cavaleiro". Já, o método charrua de doma equina, amplamente usado no RS, é um ritual muito bruto, com uso da força física e auxílio de instrumentos apropriados para a sujeição do animal.

Enfim, a composição social é disciplinarizada e a escola não foge desse contexto. Além do que, no colégio não há lugar para a alegria, é como se fosse à parte da vida, como se o "mundo do saber", devesse ser sisudo, enfadonho e triste.

3.1 Os corredores do castelo do Minotauro

Todas as partes da casa existem muitas vezes, qualquer lugar é outro lugar. Não há uma cisterna, um pátio, um bebedouro, um pesebre; são quatorze (são infinitos) os pesebres, bebedouros, pátios, cisternas. A casa é do tamanho do mundo; ou melhor é o mundo. Todavia, de tanto andar por pátios com uma cisterna e com poeirentas galerias de pedra cinzenta, alcancei a rua e vi o Templo de Tochas e o mar.

Borges

À investigação do tema vertente se impõe uma estranha coincidência terminológica, qual seja, a semelhança entre os termos que circulam no meio policial e judiciário e aqueles que são empregados no âmbito escolar, quanto à questão da disciplina.

Buscando elucidar tal paradoxo, procurei situá-lo no referencial teórico que venho utilizando. Assim é que encontrei em "A verdade e as formas jurídicas" de Michel Foucault:

... no século XIX, desenvolve-se, em torno da instituição judiciária e para lhe permitir assumir a função de controle dos indivíduos ao nível de sua periculosidade, uma gigantesca série de instituições que vão enquadrar os indivíduos ao longo de sua existência; instituições pedagógicas como a escola, psicológicas ou psiquiátricas como o hospital, o asilo, a polícia, etc. Toda essa rede de um poder que não é judiciário deve desempenhar uma das funções que a justiça se atribui neste momento: função não mais de punir as infrações dos indivíduos, mas de corrigir suas virtualidades.(Foucault, 1996b, p.86)

Eis que a aparentemente insólita coincidência terminológica não se trata de fruto aleatório mas sim da exigência de uma concepção de um período histórico, conforme Foucault nos chama a atenção:

Entramos assim na idade do que eu chamaria de ortopedia social. Trata-se de uma forma de poder, de um tipo de sociedade que classifico de sociedade disciplinar por oposição às sociedades propriamente penais que conhecíamos anteriormente. É a idade de controle social. (Foucault, 1996b, p. 86)

A escola, bem como outras instituições da sociedade atual, trabalha na produção de subjetividades idênticas, eliminando as diferenças, tratando as diferenças como problemas, usando procedimentos ortopédicos.

O controle social dos sujeitos pedagógicos é previsto, classificado e tipificado nos regimentos escolares, numa mágica tentativa de aprisionamento da realidade, como que tentado prever as amplas possibilidades de comportamentos e de atitudes, virtualmente controlando o cotidiano da escola. Dizendo de outra forma: parece que a instituição escreve as normas nos documentos tentando aprisionar toda a gama de possibilidades que se apresenta na realidade, com a finalidade de corrigir os sujeitos e controlá-los socialmente:

...O controle dos indivíduos, essa espécie de controle penal punitivo dos indivíduos ao nível de suas virtualidades não pode ser efetuado pela própria justiça, mas por uma série de outros poderes laterais, à margem da justiça, como a polícia, e toda uma rede de instituições de vigilância e de correção - a polícia para a vigilância, as instituições - psicológicas, psiquiátricas, médicas, pedagógicas para a correção. (Foucault, 1996b, p.86)

Um verdadeiro manancial da citada coincidência de termos - entre linguagem e prática judiciária e disciplina escolar - foi encontrado na investigação que fiz tomando por base os regimentos escolares, o Plano Integrado, os livros de ocorrência e de advertência, as fichas de encaminhamento e a entrevista.

O terreno jurídico individualiza os sujeitos quando transgridem leis, a sociedade disciplinar individualiza sempre, transgredindo ou não. Embora não se receba recompensas especiais ao cumprir as normas, há créditos para a capacidade pessoal. As táticas disciplinares individualizantes são impostas às pessoas, determinando o lugar que cada um deve ocupar, através da universalidade dos controles. (Diaz, 1993)

No entender foucaultiano, os dispositivos disciplinares assumem uma importância grandiosa, dando suporte ao plano jurídico e formal: "*As disciplinas reais e corporais constituíram o subsolo das liberdades formais e jurídicas.*"

Ou ainda:

E se o jurismo universal da sociedade moderna parece fixar limites ao exercício dos poderes, seu panoptismo difundido em toda parte faz funcionar, ao arrefio do direito, uma maquinaria ao mesmo tempo imensa e minúscula que sustenta, reforça, multiplica a assimetria dos poderes e torna vãos os limites que lhe foram traçados. (Foucault, 1996a, p. 195-196)

Desta forma, o sistema jurídico da sociedade moderna se sustenta no micropoder das táticas disciplinares que garantem a submissão dos corpos e das forças:

...explícito, codificado, formalmente igualitário, e através de um regime de tipo parlamentar e representativo. Mas o desenvolvimento e a generalização dos dispositivos disciplinares constituíram a outra vertente, obscura, desse processo. A forma jurídica geral que garantia um sistema de direitos em princípio igualitários era sustentada por esses mecanismos miúdos, cotidianos e físicos, por todos esses sistemas de micropoder essencialmente inigualitários e assimétricos que constituem as disciplinas. E, se, de uma maneira formal, o regime representativo permite que direta ou indiretamente, com ou sem revezamento, a vontade de todos forme a instância fundamental da soberania, as disciplinas dão, na base, garantia da submissão das forças e dos corpos. (Foucault, 1996 a, p. 194 -195)

Esther Diaz estudando os modos de subjetivação em Foucault, observa que, segundo este autor, a sociedade carcerária é o modelo de toda a sociedade disciplinar; outrossim, que se produz um conhecimento sobre os delinquentes muito diferente da classificação jurídica dos delitos. Através deste conhecimento, obtêm-se um:

... saber técnico acerca de los comportamientos, una especie de ingeniería de las conductas, una ortopedia dela individualidad. Se aprende sobre los individuos y, a la vez, se los hace producir mejor. El aprendizaje sobre los sujetos y la adquisición de actitudes, por parte de ellos, entrecruzan fijando el esquema de las nuevas relaciones de poder y, como consecuencia de ello, de un nuevo tipo de subjetivación. (Diaz, 1993, p. 38)

É nesta autora que encontro a instigante observação: "*El diagrama de la sociedad disciplinaria parecería estar atravesado por una pregunta: 'Cómo aplicar reglas fijas a individuos singulares?'*" (Op. cit., p. 33) E parece que cada vez mais as instituições disciplinares - e a escola, entre elas, vão aprimorando modos de aplicar tais regras.

A própria arquitetura da escola propicia a visualização panóptica:

Esses 'observatórios' têm um modelo quase ideal: o acampamento militar. É a cidade apressada e artificial, que se constrói e remodela quase à vontade; é o ápice de um poder que deve ter ainda mais intensidade, mas também mais discricção, por se exercer sobre homens de armas. (Foucault, 1996a, p. 154)

Ainda, sobre a edificação da escola, Foucault coloca que "*O próprio edifício da Escola devia ser um aparelho de vigiar; os quartos eram repartidos ao longo de um corredor com uma série de pequenas celas; a intervalos regulares, encontrava-se um alojamento de oficial, [...].*" (Op. cit., p. 155) Nesta escola, que estudo, não há quartos, mas a lógica é a mesma com respeito a distribuição das salas de aula e dos funcionários da disciplina.

Assim, todo o prédio da escola, que é palco de meu estudo, é estrategicamente construído para permitir a visualização: os banheiros têm meias-portas, cada sala de aula possui um vidro na porta, cada entroncamento de dois corredores dispõe de uma escrivaninha para os funcionários da disciplina. Os cantos dos pátios são visíveis de alguma das janelas dos prédios. "*A escola-edifício deve ser um operador de adestramento.*" (Op. cit. p. 155)

3.2 O arquivo²⁷

Um dos primeiros passos rumo à construção de um ambiente disciplinarizado é a distribuição dos indivíduos no espaço e a divisão deste espaço em tantos pedacinhos quanto o número de indivíduos:

E em primeiro lugar segundo o princípio da localização imediata ou do quadriculamento. Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. (Foucault, 1996a, p. 131)

Na escola, os alunos são divididos por séries, estas são separadas por turmas. Cada corredor da instituição possui um funcionário encarregado (conforme o Regimento Atual) de:

- I - orientar o aluno quanto à normas de conduta;
- II - zelar pela disciplina;
- III - encaminhar aos responsáveis os problemas disciplinares surgidos;
- IV - prestar assistência a professores e alunos;
- V - verificar as condições de ordem e higiene das salas de aula;
- VI - encaminhar ao vice-diretor os alunos retardatários ou que solicitem licença para afastamento antes do término do período letivo;
- VII - atender aos alunos em todas as atividades da escola.

Àquelas atribuições dos funcionários, são acrescentadas outras, não escritas: controlar o horário dos professores entrarem em aula (ou dela saírem), bem como observar a ordem e o manejo de cada professor com as turmas.

Mais de um professor tem recebido reprimendas orais e públicas (perante outros colegas) em relação ao seu trabalho - manejo de classe, tratamento e encaminhamento de alunos infratores, cumprimento de horário, etc. - da pessoa responsável pelo Setor Disciplinar.

²⁷ "... O arquivo define um particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao

Desta forma, percebe-se que cada indivíduo tem seu lugar: cada aluno tem sua classe, cada professor tem sua turma, cada funcionário seu posto. Assim, aquele grupo disforme que ingressa na instituição escolar vai sendo disciplinado, vai recebendo sua *localização imediata, no quadriculamento do espaço*. Cada um, individualmente, vai sendo normalizado, e o conjunto torna-se uniforme:

Essa busca da uniformidade na escola é possibilitada pelo alinhamento das classes de idade, pela sucessão de assuntos ensinados e pelo comportamento. Dependendo desses, ocupará uma fila ou outra, marcando uma hierarquia do saber ou das capacidades, traduzidas materialmente no espaço da classe ou da escola, repartição de valores ou méritos. (Eizirik, Comerlato, 1995, p. 50)

As atividades promovidas pela escola, o comportamento esperado dos sujeitos que nela convivem e a distribuição destes no tempo e no espaço são opostos ao cotidiano popular:

A institucionalização da educação, a escola, é construída em oposição e ruptura com respeito ao espaço cotidiano de vida, a forma habitual de estar, de falar, mover-se e atuar das classe populares. Estas devem renunciar seus hábitos de classe, e no melhor dos casos, envergonhar-se de pertencer a ela, pois o tempo é ouro e o trabalho, disciplina. (Eizirik, Comerlato, 1995, p. 48)

Os problemas disciplinares na escola podem ser encarados como resistência e contestação, o outro polo do poder disciplinar, o outro elemento nessa relação de poder. Foucault nos fala das resistências como o outro termo das relações de poder. A indisciplina seria interlocutora do poder disciplinar. No centro das relações de poder, e como pressuposto de sua existência, há a possibilidade da insubordinação. As resistências são distribuídas de forma irregular; com maior ou menor densidade no tempo e no espaço; podendo atingir grupos inteiros ou indivíduos.

tratamento e à manipulação." (Foucault, 1987, p. 150)

Escolhi um exemplo do Livro de Ocorrência de indisciplina que pode corroborar o exposto no parágrafo anterior. Conforme observa-se, a professora também sente-se afetada pelo aluno, o poder se exerce em sentido duplo:

"O aluno João da turma 71, foi encaminhado ao Setor pela professora Ângela, por não trabalhar em aula, passa conversando e ouvindo rádio, ameaçando que a mãe vai na DE, sem contar que teria dito que sua mãe era morta e que morava com a avó e a tia. Solicitou a professora que a mãe comparecesse na Escola, levando o referido aluno solicitação à mesma". (408/97)

Os sujeitos dentro da escola são individual e constantemente vigiados, o que coloca esta instituição agindo e exercendo um tipo de poder que Foucault chama de poder pastoral: "*... es al desarrollo de las técnicas de poder orientadas hacia los individuos y destinadas a gobernarlos de manera continua y permanente.*" (Foucault, 1990, p. 98)

O poder pastoral tem sua gênese no pastorado hebraico: "*... fueron los hebreos quienes desarrollaron y amplificaron el tema pastoral com, sin embargo, una característica muy singular: Dios, y solamente Dios, es el pastor de su pueblo.*" (Op. cit., p. 99-100)

São quatro as características típicas do poder pastoral:

1. *El pastor ejerce el poder sobre un rebaño;*
2. *El pastor agrupa, guía y conduce a su rebaño. Ou seja, o rebaño existe gracias a la presencia inmediata y a la acción directa del pastor;*
3. *El papel del pastor consiste en asegurar la salvación de su rebaño... No se trata solamente de salvarlos a todos, a todos juntos, cuando se aproxima el peligro. Se trata de una bondad constante porque el pastor asegura el alimento a su rebaño, cada día sacia su sed y su hambre. (...) El pastor dispone de una meta para su rebaño.*
4. *La bondad pastoral (...) se halla más próxima de la 'abnegación'. Todo lo que hace el pastor lo hace por el bien de su rebaño. Este es su preocupación constante. El vela el sueño de sus ovejas.* (Foucault, 1990, p.100-102)

O poder pastoral evoluiu, com o advento do pastorado cristão, transformando-se em tecnologia de poder intrínseca às nossas instituições, com as seguintes características:

1. O pastor deve se responsabilizar pelo destino do rebanho como um todo e de cada ovelha em particular. Além do que, o pastor é responsável pelos mínimos detalhes da vida de cada um;

2. A relação é de dependência individual e completa, com submissão pessoal das ovelhas ao pastor. É enfatizada a obediência;

3. O pastor deve conhecer todo o rebanho e cada ovelha em particular. Deve saber o que se passa na alma de cada um;

4. Outra importante mudança, é a finalidade de que os indivíduos se auto mortifiquem neste mundo, como uma forma de relação consigo mesmo.

Cumprindo uma vocação do poder pastoral das nossas instituições, a escola tem um projeto destinado ao conjunto de alunos, bem como, a cada um individualmente. Para concretizar estes projetos, mantêm um arquivo organizado em fichas com informações de todos e de cada um particularmente.

Para que o conhecimento individual seja possível, o poder pastoral associou técnicas de auto conhecimento comuns no mundo helênico, quais sejam: o exame de consciência e a direção de consciência. Ser guiado através da direção de consciência passou a se constituir num estado, todo indivíduo e cada um em particular deve ser conduzido a cada instante. Através do exame de consciência o indivíduo *"se abriera por completo a su director para revelarle las profundidades del alma."* (Foucault, 1990, p. 115)

Foucault chama a atenção para o grau de obediência e de verdade que o ocidente exige dos subordinados, com o objetivo de conhecer cada um individualmente:

...como é possível que, na cultura ocidental cristã, o governo dos homens exija daqueles que são dirigidos, para além de atos de obediência e de submissão, 'atos de verdade' que têm como particularidade o fato de que não somente o sujeito é

obrigado a dizer a verdade sobre si mesmo, suas faltas, seus desejos, seu estado d'alma etc.? (Foucault, 1997, p. 101)

A obediência, na escola, é enfatizada e a desobediência penalizada, na ocorrência número 06/95 lê-se o que segue: "A professora Leila registrou a ocorrência dos alunos Marcelo e Renato, da turma 72, os quais conversam muito, perturbando sua aula, foram trocados de lugar e resolveram caminhar e rir para os colegas (o aluno Marcelo), desacatando a ordem dada e impedindo a exposição da aula".

Nota-se que, além de submeter os sujeitos e educá-los para seguir a vontade de outros, cada indivíduo deve obedecer e dizer a verdade sobre si.

As seguintes ocorrências do setor disciplinar, ainda exemplificam a desobediência explícita de alguns alunos e, por outro lado, a importância que tem o ato de obedecer, dentro da instituição escolar: na ocorrência número 405/97, "O aluno estava na hora do recreio brincando de atirar lata nos colegas, chamado atenção este continuou a brincadeira, minutos depois voltou com mais uma lata, quando advertido debochou e mentiu que não estava fazendo nada"; na nº 416/97, "O aluno Cristian, turma 82, da manhã foi encaminhado ao setor por estar fora de aula no intervalo, mais precisamente às 9h e 15 min. Interpelado disse que estava no Grêmio dando um recado. Após, foi encaminhado para a aula e posteriormente às 9h e 25 min., encontrado no corredor quando informou que a professora não o deixara entrar. Pedido informação à professora Marisa, a mesma informou que o referido aluno nem chegou na aula, portanto, mentiu. Próxima ocorrência, deverão ser chamados os pais e o aluno será suspenso conforme o Regimento Escolar."

Desta forma, combinando variadas estratégias, a escola forma sujeitos úteis à sociedade. Entretanto, aqueles que são classificados como "os outros" (os indisciplinados, os reprovados...) também são formados pela instituição escolar.

3.3 As penas

Foucault distingue, a título de hipótese, quatro categorias de sociedades, segundo os tipos de punição que privilegiam: "*sociedades de banimento (sociedade grega), sociedades de resgate (sociedades germânicas), sociedades de marcação (sociedades ocidentais do final da Idade Média), e sociedades que enclausuram (a nossa?)*." (Foucault, 1997, p. 27)

Segundo o artigo 211 do Regimento Atual, da escola (meu campo de estudo): "*As penalidades a que estão sujeitos os alunos são repreensão por escrito, exclusão da sala de aula, suspensão e cancelamento compulsório de matrícula*". Pode-se observar que estas punições têm muito mais o intuito de excluir o aluno do ambiente privilegiado de aprendizagem - que seria a sala de aula, a escola. Da mesma forma que as penas que enclausuram excluem da sociedade o indivíduo apenado, a escola ao excluir o aluno, segue princípio idêntico. Eu fiquei surpresa, pois esperava que a principal característica destas penas fosse pedagógica, instrutiva. Foucault diz que: "*A organização de uma penalidade de enclausuramento não é simplesmente recente; é enigmática*". (Foucault, 1997, p. 29) Parece-me que a exclusão do aluno é tão obscura quanto a prisão.

Em relação ao corpo, Foucault diz que não necessita mais ser marcado, mas adestrado, para aplicar suas forças constantemente no trabalho, com plena utilização do tempo. Entendo que estas penas usadas na escola estão, ainda,

relacionadas às de marcação, porém, no sentido de que elas marcam a subjetividade dos indivíduos.

Alguns professores usam penas "alternativas": mandam o aluno sair de aula e ficar no corredor esperando terminar o período, ou ficar no "paredão" durante o recreio. Chamo estas penalidades de alternativas por não constarem no Regimento Escolar. As duas modalidades que citei são de exclusão e constrangimento social, pois os alunos ficam expostos aos seus pares e aos profissionais que ali atuam.

A partir de Beccaria, reformador das teorias penais, - na segunda metade do século XVIII - a noção de crime e de punição parte do interesse da sociedade e da necessidade de protegê-la, surge a idéia de rompimento do pacto social (Foucault, 1997, p. 32 e 33). Estaria a previsão de penalidade, constante no artigo 211 do Regimento Atual, ligada a esse princípio? Ou seja, a natureza excludente das penas escolares teria o propósito de proteger o restante dos alunos, a comunidade escolar? Em nome de quem se dá esta exclusão?

Outra vez, surge a metáfora do Minotauro - monstro que tinha corpo de homem e cabeça de boi, quando penso no aluno excluído por ser indisciplinado. Parece que os nossos "diferentes" recebem uma penalidade semelhante àquela imputada ao Minotauro - escondido no Palácio construído por Dédalo²⁸ até a batalha fatal com Teseu²⁹. Mas o indivíduo a corrigir, o "incorrígível" é

²⁸ Dédalo: Arquiteto e escultor, pertencente à família real ateniense. Exilado, refugiou-se em Creta, onde construiu para o Rei Minos o Labirinto, um palácio de complicados corredores que serviu de moradia ao Minotauro. (Guimarães, s.d, p. 120)

²⁹ Teseu: Herói ático, que entre outros feitos apunhalou o Minotauro e encontrou a saída do Labirinto, guiado por um novelo de fio, presente de Ariadne. (Guimarães, s.d, p. 289 -294)

correlato das técnicas de adestramento, é o lado sombrio do disciplinado, do normalizado, do adestrado.

Atualmente, penso que não vamos encontrar, nas escolas, a sala do castigo, a clausura; em seu lugar, adestra-se os resistentes à normalização e corrige-se os "incurrigíveis", ou exclui-se aqueles que as técnicas pedagógicas não dão conta de "*fazer retornar aos bons sentimentos*". (Foucault, 1997, p. 63)

No final do mês de novembro do ano de 1998, o quadro de avisos acima do relógio ponto ostentava o nome de sete alunos do diurno que estavam suspensos, acompanhados de sua respectiva turma, bem como por quantos dias deveriam ficar afastados.

O primeiro registro do ano de 1995, do Livro de Ocorrência do Setor Disciplinar, relata que um aluno de 7ª série foi encaminhado por uma professora porque:

"não obedeceu a sua ordem de sentar-se, portando-se de maneira inconveniente perante os colegas, perturbando o bom andamento de sua aula. Vale registrar que o mesmo aluno, junto com outros colegas, portou-se de maneira inconveniente numa outra oportunidade, anterior a esta data".

Pode-se observar que na essência deste "*sistema disciplinar funciona um pequeno mecanismo penal*" (Foucault, 1996a, p. 159); aqui há leis próprias, delitos especificados, e novamente a obediência aparece como princípio maior e os mínimos detalhes são penalizados.

As disciplinas se ocupam do espaço deixado vazio pelas leis, reprimindo comportamentos que escapam aos grandes sistemas. Na escola, bem como em outras instituições similares, "*funciona como repressora toda uma*

micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas)..." (Op. cit., p. 159): no segundo registro do mesmo ano, do livro de Ocorrência, lê-se que alguns alunos de 7ª série "fugiram da sala de aula no último período, não assistindo a aula de Geografia". Ainda, em observação, no mesmo registro pode-se ler: "os referidos aluno serão advertidos no dia 30 de março".

Em relação ao discurso também observa-se uma micropenalidade, o disciplinamento de algo que à lei não interessa, mas não escapa ao poder disciplinar:

"A professora Catarina, da turma 51, registrou na Direção o desacato que sofreu de parte do aluno Álvaro, o qual lhe disse que a mesma não deveria lhe chamar atenção, nem tampouco gritar consigo porque nem a sua mãe fez isso. É válido lembrar que numa outra oportunidade, numa aula anterior, o mesmo aluno lhe teria respondido com agressividade. O aluno falou para a professora que ela não o conhecia, portanto, não deveria falar com ele de qualquer forma."

Ou ainda, como exemplar: "O aluno Diogo, da turma 51, foi apresentado à direção pelo professor Armindo porque retrucou para o professor chamando o mesmo de 'idiota'. O referido fato aconteceu durante a aula de Educação Física tendo sido, inclusive, presenciado pela mãe do aluno, a professora Joana."

Relativamente à maneira de ser, há micropenalidades próprias dos sistemas disciplinares, que na escola são comuns:

"O aluno André, da turma 41, foi encaminhado ao setor de disciplina por motivo de ter brigado em sala de aula e agredido um colega com um pontapé no estômago"; "A aluna Andréia, do 1º PPT foi encaminhada a este setor por mostrar-se sem disciplina na sala de aula estourando bolinhas de chicletes, rindo e debochando enquanto a professora entregava as provas. A referida aluna ao receber a prova puxou-a grosseiramente da mão da professora. A mesma sempre senta-se virada para trás para conversar com os colegas e fala com a professora em tom grosseiro e inadequado". "No dia 30 de março de mil novecentos e noventa e cinco as alunas Aída e Rita foram advertidas porque foram vistas fumando no recinto da Escola".(Ocorrência 03/95); "O aluno Flávio, 1º PPT D foi advertido por estar comportando-se indevidamente na sala de aula, o que ocasionou a quebra de um dos

vidros da janela. O referido aluno está comprometido a pagar o mesmo. Segundo o aluno, o mesmo caiu sobre a classe, ocasionando tal incidente".(Ocorrência nº 23/95)

Pode-se observar que aqui está em exercício o "*controle minucioso das operações do corpo*". (Foucault, 1996a, p. 126)

Mesmo copiando as punições do modelo judiciário, os sistemas disciplinares apresentam uma série de especificidades.

A função do castigo disciplinar é reduzir os desvios, normalizar; por isto, deve ser essencialmente corretivo. Além das penas geradas a partir do judiciário, o castigo disciplinar privilegia os exercícios (e em muitos casos a repetição destes). A punição, na disciplina, caracteriza-se pelo duplo sistema gratificação-sanção, baseado na oposição do bem e do mal.

Nas sociedades disciplinares, a penalidade difere da pena judiciária, quanto à função essencial desta que toma por referência um "*corpo de leis e de textos que é preciso memorizar*"; especifica "*atos num certo número de categorias gerais*"; faz "*oposição binária do permitido e do proibido*"; realiza a *partilha, adquirida de uma vez por todas, da condenação*". (Foucault, 1996a, p. 163) Para o poder disciplinar o que interessa é um conjunto de fenômenos observados - a diferenciação dos indivíduos, a hierarquização, a homogeneização.

A penalidade normaliza, e enquanto uma constante das instituições disciplinares ela atravessa todos os pontos e controla todos os instantes, comparando, diferenciando, hierarquizando, homogeneizando, excluindo (Op. cit. p. 163). Alguns exemplos de castigos que constam nas ocorrências:

"Antes de ser convidado a se retirar da sala de aula, foi chamado a atenção várias vezes." - nº 07/95;

"Por este motivo o aluno Diogo foi suspenso por 3 dias a contar desta data ." - nº 08/95;

"... sendo que o aluno Léo incidiu na terceira ocorrência e por esse motivo foi suspenso por três dias a contar desta data." - nº 14/95;

"Foi devidamente advertido." - nº 22/95;

"Os alunos citados já foram encaminhados portanto serão suspensos por seis dias, a partir de hoje (18/10/95)." - nº 141/95;

"Uma nova ocorrência implicará o cancelamento de suas matrículas." - nº 141/95;

"O aluno foi advertido a não mais fazê-lo." - nº 311/97;

"Avisamos que cumprimos o Regimento." - 409/97;

"Pela gravidade do fato o aluno foi suspenso por três (03) dias a contar desta data, devendo retornar à Escola acompanhado de seu pai na Quinta-feira, dia 30 de outubro." - nº 418/97

Ao estudar as penalidades impostas pela escola aos alunos, reportei-me aos abolicionistas³⁰. *"O abolicionismo é um estilo de vida. É uma forma de interrogar o significado das punições e suas instituições, de sinalizar outras possibilidades de liberdade e de buscar justiça."* (Passetti, Dias da Silva. 1997, p. 11) Partindo desta definição de abolicionismo, preciso refletir profundamente sobre as penas que constam no Regimento Escolar, quase todas excludentes, como já referi anteriormente.

Embora seja muito tentador adentrar neste filão da discussão abolicionista, parece-me que não cabe neste estudo um maior aprofundamento do assunto.

Minha contribuição para o tema está ligada à seguinte afirmação: *"...o essencial é desnudar a realidade, para o conhecimento público, apresentando seus mecanismos disciplinares e a eletrônica do controle."* (Passetti, Dias da Silva. 1997, p. 12)

³⁰ *"... a partir dos anos 60, surge um grupo de pensadores que aprofunda a análise criminológica, ampliando a crítica ao sistema punitivo. Esses teóricos, chamados por alguns de críticos, ou radicais são também genericamente conhecidos por abolicionistas."* (Shecaira, 1997, p. 7)

Retomando um pouco: nosso modelo educacional baseia-se na obediência e aqueles que não atingem o ideal previamente definido são penalizados com a exclusão.

3.4 Ética ou obediência vigiada

À parte ter encetado a presente pesquisa ao iniciar o Mestrado em Educação - o que poderia levar a crer que as respostas e contestações levantadas haveriam de estar circunscritas aos questionamentos iniciais - percebo que os domínios tangenciados são, hoje, múltiplos.

Para o exercício da cidadania, a ética tem um especial destaque, como pressuposto das relações consigo, com os outros e com o mundo, numa sociedade democrática.

Entendo que a saída para o "labirinto da disciplina" pode ser o "cuidado de si", a ética e a estética da existência. Penso que este é o possível desfecho que o "novelo de fio" me apresenta, à medida que vou desenrolando-o, após muitas conjeturas, leituras, reflexões, exames de consciência e exercícios de escrita, de confissão, de escuta...

Quando falo em ética, estou imbuída das idéias foucaultianas. E, entendo, como ele, que é necessário distinguir as condutas e o código moral:

Os atos (condutas) são o verdadeiro comportamento das pessoas em relação ao código moral (prescrições) a elas imposto. [...] E há um outro lado das prescrições morais, que na maioria das vezes não está isolado como tal, mas que é, acredito, muito importante: o tipo de relação que se deve ter consigo mesmo, rapport à soi, que eu chamo ética e que determina a maneira pela qual deve se constituir a si mesmo como o sujeito moral de suas ações. (Foucault, 1995, p. 262-263)

Foucault distingue quatro aspectos principais na relação do sujeito consigo, são eles:

1. O primeiro responde à pergunta: Qual a parte da pessoa que se relaciona com a conduta moral? Sentimentos, por exemplo. (É o que Foucault chama de substância ética.);

2. O segundo aspecto é o modo de sujeição, ou seja, como as pessoas são estimuladas a reconhecer suas obrigações morais;

3. O terceiro diz respeito aos "*meios pelos quais podemos nos modificar para nos tornarmos sujeitos éticos*" (*práticas de si ou ascetismo*);

4. O quarto aspecto, está ligado ao "*tipo de ser que aspiramos quando nos comportamos de acordo com a moral*", a teleologia. (Foucault, 1995, p. 263-265)

Quanto à substância ética, Foucault salienta que "*nem sempre é a mesma parte de nós ou de nosso comportamento que importa para o juízo ético*". (Op. cit., p. 263) Pode ser o pensamento, a racionalidade...

O modo de sujeição pode estar baseado em lei divina, lei natural, lei racional ou estética, numa tentativa de dar a forma mais bela possível à vida.

As práticas de si ou ascetismo, seriam "*toda esta elaboração de nós mesmos de modo a nos comportarmos eticamente*".(Op. cit., p. 265)

O quarto aspecto compreende os outros, e deve estar de acordo com, "*por exemplo, devemos nos tornar puros, ou imortais, ou livres, ou mestres de nós mesmos, etc.*" (Op. cit., p. 265)

Resumindo os quatro aspectos principais na relação do sujeito consigo, Foucault exemplifica:

... a substância ética para os gregos era a aphrodisia; o modo de sujeição era uma escolha político-estética; a forma de ascese era a técnica utilizada - encontramos, por exemplo, as técnicas do corpo, ou a economia das leis, segundo as quais se define o papel do esposo, ou ainda o erotismo como forma de ascetismo consigo no amor dos rapazes etc. - e a teleologia era a mestria de si. (Foucault, 1995, p. 266)

Na idade clássica, a mestria *"de si significava, primeiramente, importar-se apenas consigo mesmo e não com o outro, pois ser mestre de si significava poder governar os outros. Logo, a mestria de si estava diretamente relacionada à relação dissimétrica com os outros."* (Op. cit., p. 267)

Mais tarde, devido à mudanças que ocorrem na sociedade grega, o motivo pelo qual alguém deve ser mestre de si, também muda: *"você tem que ser mestre de você mesmo não apenas para governar os outros, como era no caso de Alcebiades ou Nicocles, mas porque você é um ser racional"*. (Op. cit., p. 267)

Na cultura helenística, desde o século IV a. C., até os séculos II e III da era cristã, os gregos usavam a palavra *epimeleia heautou* para significar o cuidado de si, o trabalhar ou estar preocupado com alguma coisa, a responsabilidade do monarca em relação aos súditos. É uma palavra que traduz *"uma espécie de trabalho, de atividade; implica uma atenção, um saber e uma técnica"*. (Op. cit., p. 269)

Talvez não se precise mais de um controle externo para sabermos nos comportar e conviver em sociedade. Quem sabe, a razão para escolher uma vida justa possa ser estética e pessoal, que não responda mais aos princípios da normalização: *"A razão para esta escolha era o desejo de viver uma vida bela, e de deixar, como legado, uma existência bela. Eu não acredito que possamos dizer que este tipo de ética tenha sido uma tentativa de normalizar a*

população". (Foucault, 1995, p. 254) Desta forma, Foucault explica a ética grega do século IV a.C. ao começo do Império Romano.

A solução para os problemas do nosso modo de viver não é uma volta ao passado, num sentido saudosista, entretanto, pode se fazer uma revisitação à ética e estética da existência do mundo clássico, com o intuito de aprendizagem histórica.

Os gregos tinham uma grande preocupação com a escolha de técnicas para viver da melhor maneira possível. O ponto central de sua ética era o "*problema de escolha pessoal, de estética da existência*". (Op. cit. , p. 260)

Comungo do mesmo encantamento que Foucault experimentou com a ética e a estética da existência dos gregos: "*A idéia do bio como um material para uma peça de arte estética é algo que fascina. Também a idéia de que a ética pode ser uma estrutura de existência muito forte, sem nenhuma relação com o jurídico per se, como um sistema autoritário, como uma estrutura disciplinar*".(Op. cit., p. 260)

Parece-me que a escola, ou as instituições disciplinares em geral, trabalha com os sujeitos de maneira a impor-lhes uma ética externa. Esta imposição tem formado um tipo de sujeito determinado. Enquanto a instituição dá conta de vigiar e controlar, consegue manter os indivíduos tal como previsto. No entanto, quando as pessoas não se sentem vigiadas e necessitam agir de acordo com sua consciência, aí, muitos não acham a saída, ficam atônitos.

Rememorando o período estudantil, ocorre-me outro episódio marcante. Quando cursava o Quinto Ano, do Primário, fomos encarregadas de ir até a

Igreja decorá-la para uma festa religiosa. Éramos quatro colegas, das mais velhas da escola, e que cursávamos a última série oferecida pelo Internato. Muito raramente saíamos sem a companhia de uma das freiras. Ficamos tão atônitas ao sairmos sem vigilância que, ao chegar à Igreja, começamos a pular os bancos, passando sobre o encosto e pisando no assento de um por um. Como se isto não fosse suficiente, ao chegarmos próximo ao altar nos jogamos no chão, rebolecando-nos à moda dos bichos. Surpreendemos o Padre, que estava na Sacristia e ao mesmo tempo fomos surpreendidas por ele. Entretanto, não sabíamos onde nos colocar para fugir daquele olhar que nos acusava silenciosamente.

Esta nova confissão tem a finalidade de problematizar a obediência vigiada. Após tantos anos de rotina cheia de regras e normas, cheia de olhares atentos, quando estávamos na última série daquela escola, penso que nossas professoras imaginavam que saberíamos como nos comportar fora do alcance da vigilância. Em outras palavras: elas deixaram que saíssemos sós porque confiavam em nosso discernimento para escolher o "bom caminho" (conforme nos diziam). Nossa conduta contrariou as expectativas.

Entretanto, distante dos cuidados do exterior, do olhar panóptico, não sabíamos de que maneira agir, não achávamos a saída do labirinto de possibilidades que se apresentava. Nós tínhamos sido treinadas para apresentar um comportamento controlado do exterior, baseado na norma e na repressão. Não tínhamos sido preparadas para cuidar de nós.

3.5 Possibilidades

No entanto, um episódio especial na rotina escolar parece apontar para novas possibilidades na própria instituição. Falo do período de campanha eleitoral para indicação de diretor da escola, em setembro e outubro de 1997. Este foi especial para minhas observações, uma vez que coordenei o processo e assisti no íntimo como se davam as relações de poder.

Houveram apresentações públicas para os alunos votantes, ou seja, alunos "regularmente matriculados na escola, a partir da 4ª série ou maiores de 12 (doze) anos" (Lei 10.576/95). As mostras dos candidatos, bem como suas propostas, para os alunos ocorreram no dia 21 de outubro, nos três turnos de funcionamento da escola.

A dinâmica das apresentações ficou assim organizada: num primeiro momento os candidatos qualificavam-se; logo após havia inscrições para os alunos que quisessem fazer perguntas.

Alguns questionamentos tornaram-se comuns a todos os grupamentos de alunos (desde a 4ª série do 1º Grau até as turmas de Magistério, PPT e Supletivo de 2º Grau), quais sejam: "Quem ficaria à frente do Setor de Disciplina?"; "O funcionário Alfredo continuaria coordenando o Setor de Disciplina?"; "A professora Bárbara (que já havia coordenado o Setor, na gestão anterior de um dos candidatos) vai ficar no Setor de Disciplina?". O uso de boné nas dependências da escola também foi dos assuntos mais questionados. As questões mais emergentes do cotidiano da escola eram trazidos para o debate pelos alunos. A administração escolar daquele momento era discutida e avaliada pelos estudantes através de suas falas.

Constatei que os alunos participaram de maneira ordeira, efetiva, organizada e até mesmo empolgadamente das atividades relativas à eleição de diretor para a escola, embora tratando-se de questões tão caras ao cotidiano estudantil. O Grêmio Estudantil foi ativo, e a diretoria manteve-se, durante o processo, apoiando um dos candidatos. Este fato resultou no fechamento desse coletivo (no dia das eleições), por parte da Direção da escola, alegando outros motivos (comportamentos inadequados, questões morais).

Considero que as perguntas e posicionamentos dos alunos, expressaram preocupações maduras, deixando os professores candidatos sem jeito. Perguntavam se os candidatos pretendiam cumprir o que estavam prometendo ou iriam fazer conforme eles já estavam familiarizados, ou seja, depois de eleitos não lembrariam mais das promessas de campanha, tal qual políticos tradicionais.

A posição favorável da Diretoria do Grêmio Estudantil do colégio a um dos candidatos, causou reações apaixonadas da parte dos alunos que simpatizavam com o outro candidato. O impasse foi resolvido pelos alunos da seguinte maneira: o painel do Grêmio foi dividido em duas partes, uma para manifestações de uma candidatura e outra para os torcedores do outro candidato se manifestarem. Os alunos passaram a colher assinaturas favoráveis a uma e a outra candidatura.

A Comissão Eleitoral foi chamada para resolver o problema supra citado, bem como foi chamada em outros momentos para avaliar acontecimentos que fugiam às atribuições próprias da comissão.

Para elucidar o que expus no parágrafo anterior, pode-se analisar uma solicitação formal da Diretora daquele período para a Comissão Eleitoral: "Venho por meio desta solicitar o direito de resposta sempre que meu nome ou cargo for citado de forma negativa." Pode-se notar que a Diretora atribuía à comissão um poder que tradicionalmente ela já possuía; talvez ela sentisse sua posição afetada pelos questionamentos dos eleitores.

Enfim, o comportamento dos alunos, durante este processo, aponta para a possibilidade de participação madura e responsável em eventos onde sua opinião é importante, onde eles tem algum poder decisório, onde as regras de convivência são construídas em conjunto. Neste fato, pode-se observar que os sujeitos podem cuidar de si, sem necessitar do cuidado do pastor.

4 PROVÁVEL SAÍDA DO LABIRINTO

A gente tem direito de ser feliz no recreio e nos intervalos.

Cícero (9 anos - aluno - 4ª série)

Assim, pois, o estranho dédalo³¹ engendra seus frutos seriais, normalizados. E havendo tão vasta produção, é tolerável que espouquem, concomitantemente, as excrescências, as exceções que justificam a regra, aqueles que logram "deslizarem-se por entre as brenhas"³², os que mediante colossal esforço conseguem superar o império da norma para fundar singularidades. Estas, a um custo tão caro que somente o levantado, o amotinado, sabe apreciar. Os que escapam à normalização, os indisciplinados que não sucumbem são criativos, são "legisladores" - na cifra nietzscheana -. São os que sabem: teriam sido ainda mais criativos não fora a inscrição pastoral; pega-lhes de viés a norma. São os que questionam, os que riem, os que desafiam, os que dançam - em suma, os que fazem internar os amestradores.

Estes são os alunos que não resistem ao belo que há no deixar-se atrair pelo que está definitivamente do outro lado, na exterioridade, na fissura, na

³¹ *Labirinto, confusão.* (Ferreira, s.d)

³² Locução emprestada de Kafka, "Informação para uma academia", p. 108

brecha que conduz a uma irresistível e mágica "voltinha a cavalo"; são também os professores que acreditam em uma relação diferente no cotidiano escolar.

E há, no labirinto, os guardas dos umbrais, os que - como o oficial operador da máquina de inscrição da pena na novela de Kafka, *A Colonia Penal*, - são mais um corredor, uma volta do labirinto, o próprio labirinto... Estes são os profissionais da educação (os professores, os orientadores, os supervisores escolares, os funcionários da disciplina, os coordenadores de disciplina, os psicólogos escolares, etc.), os quais engendrados da mesma forma que as outras subjetividades serializadas, desempenham o papel de guardiães da ordem.

A atual coordenação de disciplina da escola, palco deste estudo, desempenha este papel de maneira exemplar, passando reprimendas orais e públicas inclusive aos próprios colegas.

Não penso que os professores sejam os responsáveis por esta situação configurada na escola, percebo que este é um projeto de sociedade, e que não é fácil contrapor-se ao usual dentro da instituição. Parece-me que o profissional da educação, tanto quanto o aluno, é mais uma vítima do modelo que se tornou hegemônico na ordem mundial, ou, pelo menos, ocidental.

Se por uma lado há um tipo de professor (vigilante e observador) esperado na instituição escolar, por outro, o profissional também é vigiado e observado; assim, é difícil que este torne-se diferente, que consiga romper com o instituído, que possa comportar-se dentro de uma outra lógica. Parece-me que quase todos acabam sendo capturados por um motivo ou por outro e passam a agir com "normalidade" na relação pedagógica.

Conforme confissão feita anteriormente, mesmo depois de ter passado por um longo período de disciplinamento, quando já deveríamos estar adestradas e apresentar um comportamento normalizado, cometemos aquele insano ato no interior de uma igreja. Ainda restava em nossos olhares o brilho do desafio e a disposição de fazer algo proibido foi imperativa, ao imaginarmos que não éramos reféns da vigilância externa. Também os alunos, por vezes, permanecem até a conclusão de seus estudos comportando-se de forma indisciplinada, após todo o processo de adestramento pelo qual passam.

Apesar das estratégias utilizadas pela instituição - regimentos e planos oficiais, setor e pessoal destacado para o controle de condutas, penalidades, exclusão - os problemas disciplinares continuam. Parece até que a cada nova investida da escola, os alunos criam alternativas para burlar.

A metáfora do "Labirinto do Minotauro" é visceral, para mim. Meu envolvimento é tal com esta narrativa mítica que chego a confundir-me e usá-la em mais de um nível. Ao iniciar esta aventura de pesquisa e escrita, usei a disciplina como "fio de Ariadne" para análise da formação da subjetividade no embate pedagógico constante do mundo da escola. Até um certo momento, não conseguia verbalizar quem era o Minotauro, quem era Teseu, muito embora, por diversas vezes, tenha sido provocada a nomeá-los e identificá-los. Neste ponto da reflexão, percebo que os dois personagens podem ser protagonizados por todos os sujeitos envolvidos no ato pedagógico escolar. O aluno, ora é o Minotauro, monstro a ser excluído, escondido, ora assume o papel de Teseu, ao passar pela instituição, tal qual o herói, vencedor. Com o professor, acontece processo semelhante.

O maior número de ocorrências do período estudado é de agressividade. A esta constatação, somam-se as notícias, mais e mais veiculadas na mídia, de violência nas escolas. Parece crescer de forma geométrica o número e o grau destes casos, a um ponto inimaginável. Os alunos entram armados, matam, ameaçam, amedrontam. Estranhamente, no colégio todos os atos indisciplinados são tratados da mesma forma, desde o simples riso intempestivo, o ato de jogar uma bolinha de papel até o porte de arma de fogo.

O problema de indisciplina escolar tornou-se caso de polícia, de Promotoria da Infância e da Juventude. As direções de escola procuram diretamente o Poder Judiciário para tratar casos de meninos de dez anos.

Será que ainda há validade para nosso modelo pedagógico? Penso que necessitamos urgentemente descobrir uma forma de fazer com que a educação retorne para o âmbito da relação pedagógica. Precisamos descobrir o melhor modo de retomar o ato educativo e fazer com que a escola se torne o melhor lugar de aprender e ensinar.

Poderíamos começar por uma pequena alteração na forma de trabalho, buscando seduzir nossos alunos com atividades prazerosas, onde tivesse lugar para o riso, a alegria, a descoberta, onde o lúdico fosse permitido, onde os conteúdos tivessem interesse para a vida. Enfim, precisamos construir uma escola que não se distancie tanto da utopia, do nosso sonho.

Penso que se investíssemos num modelo de educação que acreditasse na possibilidade do homem cuidar-se a si mesmo, ao invés de adestrarmos os sujeitos e mantermos sobre eles a constante vigila, teríamos pessoas que saberiam cuidar de si, sem necessitar do controle externo.

Talvez a escola tenha evoluído desde a época em que eu cometia aqueles atos de indisciplina até nossos dias, porém continua preparando os indivíduos para serem controlados de fora, para serem subjetividades submissas. Poderíamos trabalhar um pouco no sentido de experimentar soluções pessoais e criativas e deixarmos um pouco de lado esse manual prescritivo que se impõe aos sujeitos.

Da maneira como historicamente vem-se trabalhando a subjetividade, parece que não há lugar para a criatividade, não há lugar para a estética da existência. Há lugar somente para os seres submissos e previsíveis.

A substância ética de nossa conduta moral fica muito presa à norma, ao controle externo. Nosso modo de sujeição baseia-se em lei racional, e entendo que o sentido de evitar a punição é um forte ingrediente de orientação de nossa conduta. A finalidade de nossa existência parece muito ligada à liberdade. Mas que liberdade? As práticas de si estão muito relacionadas à introjeção da vigilância panóptica. Percebo nosso modo de vida como perigoso, pois no momento em que a vigilância e o controle externos falham, o indivíduo fica meio aturdido, sem saber muito bem o que fazer, conforme já aludi.

Que bom seria que as pessoas passassem a agir de modo a tornarem sua vida uma obra de arte! Que não deixassem de fazer isto ou aquilo apenas porque a norma prevê penalidade para quem o fizer.

Ou será que faz parte de nosso projeto político-pedagógico formar os sujeitos que temos formado? Penso que este questionamento pode encerrar a etapa solitária do estudo e servir como convite àquelas pessoas que não se contentam com o instituído para buscarmos uma prática pedagógica que trabalhe "o bio

como um material para uma peça de arte estética".(Foucault, 1995, p. 260) A possibilidade da vida como obra de arte, onde professores e alunos não sejam reféns de um projeto de sociedade excludente, é uma utopia que me encanta e fascina.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. Porto Alegre: Globo, 1978.
- CAMARGO, Ruy Bueno de Arruda. **Doma e Adestramento do Cavalo**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1985?
- CINTRA, Geraldo de Ulhoa, CRETELA JÚNIOR, José. **Dicionário Latino-Português**, São Paulo: Ed. Anchieta, 1947
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio - Sociedade Cultural, 1976.
- DÍAZ, Esther. **Michel Foucault: los modos de la subjetivacion**. Buenos Aires: Almagesto, 1993.
- EIZIRIK, Marisa, COMERLATO, Denise. **A escola (in)visível: jogos de poder/saber/verdade**. Porto Alegre: da Universidade/UFRGS, 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 11: ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984?
- FERREIRA, Nilda T., EIZIRIK, Marisa F. Imaginário social e educação: revendo a escola. **Em Aberto**: Brasília, ano 14, n. 61p. 05-14, jan./mar. 1994.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 3. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós, 1990.
- FOUCAULT, Michel. Omnes et singulatim: hacia una crítica da la "razón política". In **TECNOLOGIAS del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós, 1990. p. 95 - 140

- FOUCAULT, Michel. **El pensamiento del afuera**. 3. ed., Valencia: Pre-Textos, 1993
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, H., RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995. p 231 - 249
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1996a.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 1996b.
- FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970 - 1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FREIRE, Paulo, SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GRACIÁN, Baltasar. **A arte da sabedoria mundana: um oráculo de bolso**. São Paulo: Best Seller, 1996?.
- GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário da mitologia grega**. São Paulo: Cultrix, 1989?.
- GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolíticas: cartografias do desejo**, 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1986.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.
- HUXLEY, Aldous Leonard. **Admirável mundo novo**. 12. ed., Porto Alegre: Globo, 1982.
- KAFKA, Franz. Informação para uma academia. *In*: **A COLÔNIA penal e outros contos**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983?.
- KAFKA, Franz. A Colônia Penal. *In*: **A COLÔNIA Penal e Outros Contos**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1983?.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **O Sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995, 1995. p 35 - 86

- PASSETTI, Edson, DIAS DA SILVA, Roberto Baptista. (org.) **Conversações abolicionistas: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva**. São Paulo: IBCCrim, 1997.
- PEREIRA, Marcos V. **A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor**. São Paulo: PUCSP, 1996. (Tese doutorado),
- RABINOW, Paul, DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995
- ROSA, João Guimarães. **Noites do Sertão (Corpo de baile)**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- SHECAIRA, Sérgio Salomão. Apresentação In **CONVERSAÇÕES abolicionistas: uma crítica do sistema penal e da sociedade punitiva**. São Paulo: IBCCrim, 1997.
- VARELA, Julia, ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar: Teoria E Educação**, Porto Alegre, n. 6, p. 68 - 96, 1992

ANEXOS

Estes trechos foram extraídos dos regimentos a seguir indicados.

Anexo A

"Regimento da Década de 60"

Capítulo II, DO CONSELHO DE ALUNOS:

- "O Conselho de Alunos tem por finalidade incrementar e desenvolver o espírito comunitário estudantil.

- A constituição, obedecida a legislação vigente, e o regime de funcionamento do Conselho de Alunos, estão previstos em Estatutos próprios, cuja aprovação, cabe ao Conselho Administrativo.

- No momento em que criar clima hostil ao desenvolvimento das atividades do colégio, o Conselho de Alunos terá seus direitos cassados pelo Diretor, ouvido o Conselho Administrativo.

- O Conselho de Alunos contará com um Conselheiro, escolhido pela Direção, dentro de uma lista tríplice de professores do estabelecimento apresentada pela Diretoria do Conselho.

- Ao Conselheiro cabe orientar as atividades do Conselho."

Anexo B

"Regimento de 1981"

"O Grêmio Estudantil é o organismo representativo dos alunos e de assessoramento à Direção na Função Integradora.

- O Grêmio Estudantil é constituído por:

1. - Todos os alunos da Escola. (Em alguns períodos, somente os alunos freqüentes faziam parte do Grêmio.)

2. - Um professor conselheiro, escolhido pelo Diretor, a partir de uma lista tríplice, apresentada, anualmente, pela sua diretoria. (Desde o Conselho de Alunos há esta relação.)

- Compete ao Grêmio estudantil:

1. - Promover a integração dos alunos entre si e destes com o corpo docente, funcionários e Direção da Escola.

2. - Promover atividades recreativas, literárias, artísticas, cívicas, sociais, desportivas, assistenciais e culturais.

3. - Realizar intercâmbio com entidades similares de outros estabelecimentos.

4. - Defender os interesses dos alunos, apresentando à Direção reivindicações, desde que em consonância com os objetivos da Escola.

5. - Preservar as tradições estudantis, zelando pelo bom nome da Escola.

A diretoria do Grêmio é eleita, anualmente, podendo ser reeleito um quarto do número de seus membros.

- O número de componentes da diretoria é, de 8 elementos, eleitos pelos demais alunos.

- É vedado ao aluno repetente ou matriculado na última série do 1º ou do 2º Graus e aos alunos de 1ª a 4ª série do 1º Grau e de Cursos Supletivos e Adicionais fazer parte da diretoria do Grêmio.

Parágrafo único: Os alunos de 1ª a 4ª série do 1º Grau não terão direito a voto.

- A diretoria pode constituir departamentos ou comissões, visando alcançar os objetivos do Grêmio

- As chapas que concorrem à eleição devem ser aprovadas pelo Diretor. (Em 1985, devem ser aprovadas pela Direção, após ouvir o Conselho de Direção.)

- Compete ao professor conselheiro supervisionar todos os trabalhos do Grêmio.

- O balanço anual do movimento financeiro do Grêmio deve ser submetido à aprovação da Direção da Escola, ao final de cada ano letivo.

- As dívidas ou outros compromissos assumidos pelo Grêmio sem ciência do professor conselheiro, não são de responsabilidade da Escola.

- As importâncias recolhidas pelo Grêmio devem ser depositadas em estabelecimento bancário, em carta oficial, movimentada pelo professor conselheiro e seu presidente e tesoureiro, quando maiores de idade.

- O funcionamento do Grêmio Estudantil rege-se por Estatuto próprio, aprovado pelo Conselho de Direção.

Parágrafo único: Toda a disciplinação complementar sobre o funcionamento do Grêmio deve ser aprovada pelo Diretor da Escola.

Ainda no "Regimento de 1985" sobre o Grêmio Estudantil, observa-se o que segue:

- "O Grêmio Estudantil, instituição representativa que congrega os alunos matriculados e com frequência regular às aulas , tem finalidade social, desportiva, cultural e cívica.

- O Grêmio Estudantil é constituído por todos os alunos da Escola.

- São funções básicas do Grêmio Estudantil:

1. - participar de programações que visem a melhoria das condições de vida dos membros da comunidade e à elevação de seu nível cultural;

2. - estimular atividades de carácter cultural, artístico, cívico, social, desportivo científico e técnico;

3. - colaborar com a Associação Círculo de Pais e Mestres na assistência aos alunos carentes de recursos;

4. - promover intercâmbio e colaboração com as entidades similares existentes;

5. - realizar intercâmbio com entidades similares de outros estabelecimentos;

6. - defender os interesses dos alunos, apresentando à Direção reivindicações, desde que em consonância com os objetivos da escola;

7. - preservar as tradições estudantis, zelando pelo bom nome da escola;

- A diretoria do Grêmio Estudantil é eleita, anualmente, de acordo com as normas emanadas do órgão competente.

- São requisitos para candidatar-se à Diretoria Executiva do Grêmio Estudantil:

1. - ser aluno matriculado e com frequência regular às aulas;

2. - não estar cursando a última série;

3. - não ter conduta escolar observada quanto ao aspecto disciplinar, com sanções de natureza grave;

4. - não estar repetindo a mesma série.

As chapas que concorrem à eleição devem ser aprovadas pelo Diretor, ouvido o Conselho de Direção

A Diretoria Executiva faz prestação de contas à Direção da Escola ao término de cada gestão, apresentando:

1. - Balanço geral com quadro comparativo entre receitas e despesas realizadas ;

2. - Relatório das atividades.

- A documentação é submetida à apreciação do Conselho de Direção, o qual emite parecer para a apreciação do Diretor da Escola.

- O movimento bancário é gerido pelo Presidente e pelo Secretário de Finanças do Grêmio Estudantil, quando maiores, e juntamente com o Professor Conselheiro, quando menores de idade.

- Os cargos eletivos da Diretoria Executiva do Grêmio Estudantil são preenchidos anualmente por votação secreta através do voto obrigatório de todos os alunos, a partir da 5ª série.

- O Grêmio Estudantil apresenta ao Diretor da Escola uma lista tríplice para a escolha do Professor Conselheiro.

- A organização e funcionamento do Grêmio Estudantil consta no regulamento da Instituição, elaborado em consonância com a Norma aprovada pelo Sistema."